



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ARTUR JORGE DO ESPÍRITO SANTO CORREIA GARCIA

**Literatura da Nova Era: o exemplo das
«Conversas com Deus» de Neal Donald Walsch**

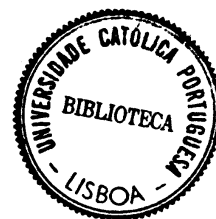
Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor João Manuel Duque

[Braga]

[2013]



«Anunciamo-vos que precisais de deixar estes ídolos vazios

e converter-vos ao Deus vivo, que fez o Céu,

a Terra, o mar e tudo que neles existe.

Nas gerações passadas, Deus permitiu

que todas as nações seguissem o próprio caminho.

No entanto, Ele não deixou de dar testemunho de Si mesmo

através dos seus benefícios.

Do céu Ele manda chuvas e colheitas,

dando alimento e alegrando o vosso coração.»

Paulo de Tarso

(Act 14, 15-17)

Introdução

A *Nova Era* é um assunto de grande importância para a cultura atual, mesmo que em Portugal seja raramente abordado e por isso pouco conhecido. Nos Estados Unidos, por exemplo, existem muitos seguidores, e as suas ramificações estendem-se um pouco por toda a parte. Nas grandes livrarias dos Estados Unidos são mais as obras dedicadas à New Age do que as dedicadas à Sagrada Escritura e à Teologia judeo-cristã¹. Essas obras fomentam a ideia de que o ser humano deve procurar a legítima espiritualidade muito longe das religiões tradicionais².

Falar de *Nova Era* não é falar de um movimento estritamente religioso, visto que a religião supõe um complexo de representações, de ritos e de observâncias que traduzem, exteriormente, as relações do homem com o divino³... A *Nova Era* é um movimento da *Era do Aquário*, uma «nova espiritualidade», que é vista como o maior movimento sócio-religioso dos últimos vinte anos, e que se assume como uma alternativa sistemática a todas as religiões actualmente em acção. Mas, o seu modelo da «nova espiritualidade» não é novo. Alguns analistas remetem-na para os anos trinta⁴. As suas origens remontam aos pais do gnosticismo antigo (Marcião, Valentim, Mani, Cerinto), tão combatidos por alguns Padres da Igreja dos quatro primeiros séculos. Tudo o que seja gnosticismo, esoterismo, percepção extra-sensorial, yoga, teosofia, ocultismo, espiritismo, reincarnacionismo, psicologia das profundezas de C. Yung, mitologias antigas, cultos arcaicos da natureza, etc., pode ser assimilado pelo sistema da *Nova Era* (*New Age*)⁵.

¹ Cfr. J. C. DAS NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia*, 241.

² Cfr. J. L. VÁZQUEZ BORAU, *Os Novos Movimentos Religiosos*, 19.

³ Cfr. M. C. FREITAS, *O Ser e os Seres*, 527.

⁴ J. M. MARDONES, *Para compreender as Novas Formas da Religião*, 122.

⁵ Cfr. J. C. DAS NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia*, 241-42.

É verdade que alguns estudos têm sido feitos e algumas obras publicadas sobre *Nova Era*, mas muitos cristãos ainda não sabem o que é este movimento, não conhecem as suas características nem a posição da Igreja sobre o mesmo. Por isso, usando alguma literatura sobre a *Nova Era* e, tendo como referência a obra de Donald Walsch intitulada «Conversas com Deus», desenvolveremos um estudo, utilizando as ideias do autor para sublinharmos as características da *Nova Era*; a posição da Igreja sobre estes «pensamentos»; assim como as semelhanças e diferenças entre o cristianismo e Nova Era, tal como aparece retratada nas «Conversas com Deus», serão expostas com recurso ao documento “Jesus Cristo, portador de água viva.

Tendo por base o anteriormente anunciado, dividiremos a apresentação do nosso trabalho em quatro capítulos, de forma a enumerar as principais ideias do nosso estudo.

No primeiro capítulo, trataremos da *Nova Era* sob o ponto de vista do documento da Igreja «Jesus Cristo, portador da Água Viva», visto que, este documento dedica algumas páginas à esse movimento, para esclarecer e mostrar a posição da Igreja perante este «novo» desafio. A partir daí estabeleceremos algumas características fundamentais do movimento, que servirão de chave de análise do texto em estudo.

No segundo capítulo, abordaremos, de uma forma genérica, os elementos de sincretismo e monismo presentes na obra «Conversas com Deus» em estudo.

No terceiro capítulo apresentaremos o espiritualismo da *Nova Era*, tendo por base as ideias de Donald Walsch.

No quarto e último capítulo desta investigação, delinearemos algumas das características do cristianismo que surgem da leitura de «Conversas com Deus».

Poderia perguntar-se: Porquê «Conversas com Deus» e não outra literatura de Nova Era? Porquê Donald Walsch e não outro autor? Após a sugestão que nos foi apresentada, achamos pertinente explorar a literatura da *Nova Era* tendo como referência o exemplo das «Conversas

com Deus». Após a leitura dos três volumes das «Conversas com Deus», percebemos que esta obra apresenta algumas ideias e sugestões tipicamente características da *Nova Era*, procurando criar uma nova ordem mundial (uma possível revolução cultural). No entanto, as ideias encontradas não são tão abundantes quanto esperávamos encontrar. O certo é que surgem nas «Conversas com Deus», vestígios de sincretismo e monismo e de espiritualismo, assim como muitas concepções do cristianismo., sendo, por isso, uma obra com bastantes traços cristãos. Mas não deixa de ter as suas particularidades, que apontam para a *Nova Era*. Neste sentido, recaiu a escolha na leitura das “Conversas com Deus”, dado que nos pareceu uma obra, a partir da qual conseguiríamos ter uma noção, mesmo que sintetizada, acerca das literaturas da *Nova Era*.

1 - Traços essenciais da *Nova Era* à luz do Documento «Jesus Cristo, portador da Água Viva»

Começamos o primeiro capítulo com o documento da Igreja, «Jesus Cristo, portador da Água Viva», porque é uma boa síntese da *Nova Era* e apresenta-nos uma clara posição cristã.

Nos é dito que desde sempre o ser humano se questiona sobre o futuro e sobre o porquê das coisas serem como são. O futuro incerto deixa-o como que ansioso e frágil, com medo. O astrólogo, com a sua reputada arte de predizer o futuro, tenta ajudar o ser humano a viver em concordância com as configurações das estrelas. Usa a astrologia judiciária, individual ou genética e a medição astrológica para descobrir o futuro o destino individual do Homem⁶. Para além de prever o futuro das pessoas, procura também ajudar o ser humano a resolver os seus problemas que vai enfrentar no futuro, como problemas amorosos, problemas do casal, de fertilidade, problemas relacionados com negócios e educação, etc. Os astrólogos procuram ainda revelar às pessoas as suas forças e fraquezas, bem como a sua personalidade. Oferece-lhes uma «nova espiritualidade», sem textos sagrados e sem líderes, sem organização rigorosa e sem dogmas.

Esses astrólogos, entre outras coisas, afirmam que a *Era do Peixe*⁷ chegará ao fim no início de terceiro milénio e será substituída pela *Nova Era do Aquário*⁸. Esta perspectiva ocupa um lugar importante no movimento da *Nova Era*, por influência da teosofia, do espiritismo, da antroposofia e dos seus precedentes esotéricos.

⁶ Cfr. Enciclopédia Verbo, Luso-Brasileira de Cultura, 773-775.

⁷ Conhecida por astrólogos como era cristã.

⁸ «Cada idade astrológica de cerca de 2146 anos toma o nome de um dos signos do Zodíaco, mas os “grandes dias” andam às avessas, de modo que, depois da actual Era dos Peixes que está a acabar, entrará a Era do Aquário. Cada idade tem as suas próprias energias cósmicas. A energia dos Peixes criou uma era de harmonia, de paz e de unidade. Deste ponto de vista, a *Nova Era* aceita a inevitabilidade histórica. Segundo alguns, a Era do Carneiro foi a da religião hebraica, a Era dos Peixes, foi a do Cristianismo e a Era do Aquário será a de uma religião universal». CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA / CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, *Jesus Cristo Portador da Água Viva – Uma reflexão cristã sobre a «Nova Era»*, 92.

O termo *Nova Era* refere-se à previsão ou crença numa importantíssima viragem histórica. Nele condensam-se visões do futuro, moderadas mas generalizadas, que preveem uma espiritualidade planetária, a par das religiões, que se encontram distantes das entidades económicas globais mais participativas e democráticas. Essa espiritualidade implica uma ênfase mais pronunciada na comunicação e na educação; uma aproximação mista à medicina, que combine a medicina oficial com a auto-cura; uma compreensão de si mesmo mais andrógina, e modos para integrar a ciência, o misticismo, a tecnologia. Procura-se uma existência plena e sã para o género humano e para o planeta.

A falta de uma atenção séria das comunidades cristãs a temas que são parte essencial da síntese católica, como a importância da dimensão espiritual do Homem e a sua integração no conjunto da vida, a busca de um significado para ela, o nexos entre os seres humanos e o resto da criação, o desejo de uma mudança pessoal e social, e a rejeição de uma visão racionalista e materialista da humanidade, faz com que alguns opinem que a religião cristã é patriarcal e autoritária, que as instituições políticas são incapazes de melhorar o mundo e que a medicina oficial⁹ não consegue curar eficazmente as pessoas. Por isso, as pessoas vão ao encontro de algo que lhes toque o coração, que dê sentido a um mundo confuso e muitas vezes alienante, satisfazendo assim as suas aspirações. Elas são atraídas por terapias ou práticas especiais, sem se interrogarem sobre as concepções mais profundas que estarão por detrás.

Partilhando esta perspectiva com alguns grupos de influência internacional, como objetivo de suplantar e de superar as religiões particulares para abrir espaço a uma religião universal capaz de unir toda a humanidade, a *Nova Era* procura inventar uma *Ética Global*, que refletiria a natureza global da cultura, da economia e da política contemporânea¹⁰. Os seus pontos negativos ou «sombras» sobressaem quando se refere a alienação do passado em nome

⁹ Alopática.

¹⁰ Cfr. CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA / CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, *Jesus Cristo Portador da Água Viva – Uma reflexão cristã sobre a «Nova Era»*, 49.

do futuro; a indiscriminação e falta de discernimento em nome da integridade e da comunhão; e a confusão entre fenómenos psíquicos e conscientes, entre *channeling*¹¹ e espiritualidade, entre a perspectiva da *Nova Era* e a verdade última. Por outro lado, como símbolo de mudança e como encarnação do sagrado, tem os seus aspetos positivos. Um deles é que a maioria das pessoas anda muito seriamente à procura da verdade e comprometida em favor da vida e do crescimento espiritual. Procuram a perfeição que domina completamente as leis cósmicas da natureza.

Como «Espiritualidade alternativa» para alguns, a *Nova Era* não é mais do que o testemunho de uma revolução cultural, de uma reação complexa às ideias e aos valores dominantes da cultura ocidental. Alguns promotores da *Nova Era* preferem falar dela como uma «nova espiritualidade» - uma definição um pouco irónica, visto que muitas das suas ideias derivam de antigas religiões e culturas. O que é verdadeiramente novo é a busca consciente de uma alternativa à cultura ocidental e às suas raízes judaico-cristãs. Esta espiritualidade é constituída por dois elementos distintos: um metafísico e outro psicológico. A componente metafísica deriva das raízes esotéricas e teosóficas da *Nova Era* e fundamentalmente é uma forma de gnose. A componente *psicológica* nasce do encontro entre a cultura esotérica e a psicologia. Por isso a *Nova Era* torna-se uma experiência de transformação psíquico espiritual pessoal, considerada análoga à experiência religiosa.

As pessoas embebidas pelos valores de certa cultura moderna são as que mais frequentemente são atraídas pela *Nova Era*. A liberdade, a autenticidade, a autonomia e outros valores semelhantes são considerados sagrados. Acaba por constituir um fascínio para todos os que têm problemas com a sociedade patriarcal.

¹¹ «Os médiuns psíquicos afirmam que actuam como canais de informações provenientes de outros seres, geralmente entidades desencarnadas que vivem num nível superior. Isto interliga seres diferentes como mestres ascendidos, anjos, divindades, entidades colectivas, espíritos da natureza e o Si-mesmo superior».Ibidem, 91.

A *Nova Era* é sem dúvida um movimento que está muito vivo e é parte integrante do cenário cultural dos nossos dias. Conseguiu chamar atenção de pessoas de todas as idades e de todos os níveis de formação, confundindo até muitos cristãos, que não têm bem a certeza do que se trata. Graças a facilidade e a velocidade de comunicação, ela exerce uma influência enorme, passando informações, sobretudo entre os jovens. Todavia, o cristianismo pressupõe um convite a que os cristãos olhem para fora de si, para mais além, para o «Novo Advento» de Deus que chama a viver o diálogo de amor¹². Embora muito da *Nova Era* seja uma reação à cultura contemporânea, em muitos aspetos ela é filha desta. É um fenómeno pós-moderno.

«A *Nova Era* é vista como um novo modo de praticar a gnose, isto é, aquela atitude do espírito que em nome de um profundo conhecimento de Deus, acaba por subverter a sua Palavra, substituindo-a por palavras que são apenas humanas»¹³. Não se tratando de uma religião, a *Nova Era* interessa-se por aquilo a que chama «divino», daí que resulta correto coloca-la no contexto mais amplo da religiosidade esotérica, cujo fascínio continua a aumentar. Grande parte deste fascínio dá-se pelo facto de a *Nova Era* não fazer a distinção entre o bem e o mal. Para o movimento, todas as ações são o fruto tanto da iluminação como da ignorância. Assim sendo, não se pode condenar ninguém e ninguém precisa de perdão. Crer na existência do mal só pode criar negatividade e medo e a resposta à negatividade é o amor. Contudo, não se trata de traduzi-lo em ações, mas de ter determinadas atitudes mentais, uma vez que o amor é energia, uma vibração de alta frequência e o segredo da felicidade, da saúde e do sucesso. E ainda é estar em condições de encontrar uma sintonia, e encontrar o seu lugar na grande cadeia do ser. Os mestres das terapias da *Nova Era* pretendem oferecer a chave para identificar correspondências entre todos os elementos do universo, de modo que as pessoas possam modelar o tom da sua vida e estar em harmonia umas com as outras e com tudo o que as rodeia.

¹² Cf. JOÃO PAULO II, *Dominum et vivificantem*, n. 53.

¹³ CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA / CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, o.c., 12.

«A essência da *Nova Era* é a livre associação de várias actividades, ideias e pessoas a que se pode aplicar este termo. Portanto, não há uma articulação definitiva de algo como as doutrinas das religiões principais. Não obstante, e apesar da imensa variedade no seio da *Nova Era*, podem-se identificar alguns pontos em comum:

- O cosmo é um todo orgânico;
- Está animado por uma Energia que também é identificada como Alma ou Espírito;
- Acredita-se muito na meditação de várias entidades espirituais. Os seres humanos são capazes de ascender a esferas superiores invisíveis e de controlar a sua vida além da morte;
- Afirma-se a existência de uma “consciência perene” que é antecedente e superior a todas as religiões e culturas;
- As pessoas continuam a ser mestres iluminados...»¹⁴

Na *Nova Era* não existe um verdadeiro conceito de pecado, mas antes a ideia de conhecimento imperfeito. Procura-se a iluminação que se pode atingir mediante técnicas psicofísicas especiais. A quem participa nas actividades da *Nova Era* não se diz em que deve acreditar, o que deve ou não fazer. Há mil modos de explorar a realidade interior. «A autoridade passou de uma posição teísta para o interior do si-próprio»¹⁵. As pessoas sentem cada vez menos a necessidade de fazer parte de instituições e não estão inclinadas a sujeitar-se a padrões «oficiais».

Na perspectiva deste movimento a doença e o sofrimento derivam do agir contra a natureza. Quando se está em harmonia com a natureza, só se poderá esperar uma vida muito mais sã e também prosperidade material. Para alguns curadores da *Nova Era*, na realidade também não deveríamos morrer. O desenvolvimento do nosso potencial humano pôr-se-á em contacto com a nossa divindade interior e com aquelas partes de nós mesmos que se alienaram ou suprimiram. A fonte da cura está dentro de nós e podemos alcança-la entrando em contacto

¹⁴ Ibidem, 34-35.

¹⁵ Ibidem, 68.

com a nossa energia interior ou energia cósmica. A via para a purificação baseia-se na consciência da privação ou da alienação, a superar mediante esta imersão no Todo. Para mudar, precisa de utilizar técnicas que tragam iluminação à experiência. Esta ultimatransforma a consciência de uma pessoa e põe-na em contato com a divindade, entendida como essência mais profunda da realidade.

«A verdade da *Nova Era* refere-se as boas vibrações, correspondência cósmica, harmonia e êxtase, em geral experiências agradáveis. Procura-se identificar a própria verdade segundo um critério de bem-estar. A avaliação da religião e das questões éticas acontece naturalmente, tendo por base os sentimentos e as experiências pessoais de cada um»¹⁶.

O espiritismo, a teosofia, a antroposofia e a *Nova Era* consideram a reencarnação¹⁷ uma forma de participação na evolução cósmica. Esta aproximação pós-cristã à escatologia parece responder a interrogações de teodiceia deixadas em suspenso e elimina a noção de inferno. Quando a alma se separa do corpo, os indivíduos podem rever toda a sua vida até aquele ponto e, depois de a sua alma se unir ao seu novo corpo, vem em antecipação algo da fase seguinte. As pessoas têm acesso às suas vidas precedentes através dos sonhos e das técnicas de meditação.

«O destino da pessoa humana é constituído por uma serie de reencarnação da alma em diversos corpos. Aqui, não se faz referência a um ciclo de *samsara*, no sentido de purificação como punição, mas a uma ascensão gradual para o desenvolvimento perfeito das potencialidades próprias»¹⁸.

¹⁶ Ibidem, 66.

¹⁷ Na *Nova Era*, a reencarnação anda ligada ao conceito de evolução até se tornar divino. Ao contrário das religiões indianas ou das suas derivadas, a *Nova Era* vê a reencarnação como progressão da alma individual para um estado mais perfeito. Aquilo que reincarna é imaterial ou espiritual, mais precisamente, a consciência, isto é, aquele centelha de energia presente no indivíduo que participa da energia cósmica ou «crística». A morte não é senão uma passagem da alma de um corpo para outro. Cfr. Ibidem, 100.

¹⁸ Ibidem, 37.

Para a *Nova Era* tudo é Deus e o universo nada mais que um oceano de energia que é um todo único ou uma rede de ligações. A energia que anima este organismo único que é o universo é o «espírito». No universo todas as coisas estão relacionadas entre si. Como só há uma única *Mente*, algumas pessoas podem ser *canais* para atingir seres superiores. Cada parte deste único ser universal tem contactos com todas as outras. A aproximação clássica à Nova Era é a psicologia transpessoal, cujos conceitos principais são a Mente Universal, o Si-próprio superior, o inconsciente pessoal e coletivo, e o eu individual. O Si próprio superior é a nossa identidade real, uma ponte entre Deus – que é a mente divina – e a humanidade. O desenvolvimento espiritual é o contracto com o Si-próprio que supera todas as formas de dualismo entre sujeito e o objeto, entre vida e morte, entre *psique* e *soma*, entre si-próprio e os aspetos fragmentários do si-próprio. A nossa personalidade limitada é como uma sombra ou um sonho criado pelo si-próprio real. O Si-próprio superior contém as recomendações de (re)incarnações anteriores.

O Deus da *Nova Era* é uma energia impessoal, uma especial extensão ou componente do cosmo. Deus é força vital ou a alma do mundo. A divindade está presente em cada ser, segundo uma gradualidade que vai do infinito cristal do mundo mineral até para além do próprio Deus Galáctico, sobre o Qual não podemos dizer nada. Não é o homem ou uma pessoa, mas uma Grande Consciência.

Um dos elementos mais constantes da «espiritualidade» da *Nova Era* é o fascínio exercido por manifestações extraordinárias, e em particular por entidades paranormais. As pessoas reconhecidas como «médium» afirmam que outra entidade toma o controlo da sua personalidade durante o processo de «êxtase»¹⁹, durante o qual, o médium pode perder o controlo do seu corpo e das suas faculdades. Segundo testemunhas as manifestações são realmente espirituais, mas não provem de Deus, embora se use quase sempre uma linguagem

¹⁹ Fenómeno da Nova Era conhecido por «channeling».

de amor e de luz, o que leva a concluir que se trata mais de formas de espiritismo do que de espiritualidade, no sentido estrito. As entidades espirituais como os anjos são, muitas vezes, invocadas “não religiosamente” para ajudar a obter um relaxamento, para se exercer um melhor controlo da vida e da carreira de cada pessoa e para facilitar o seu processo de decisão. Alguns espíritos da natureza são descritos como energias poderosas, existentes no mundo natural e também nos «planos interiores», ou seja, naqueles a que se acede mediante rituais, drogas e outras técnicas que induzem estados alterados de consciência. É claro que, pelo menos em teoria, na *Nova Era* frequentemente não se reconhece nenhuma autoridade espiritual mais elevada do que a experiência pessoal interior de cada pessoa.

Uma das preocupações centrais do movimento é a busca da «integralidade». Isso encoraja uma pretensa superação de todas as formas de «dualismo», porque tais divisões dualistas propõem como necessárias para superar compreendem a distinção real entre Criador e Criação, entre homem e natureza ou espírito e matéria, que são todas consideradas como formas erróneas de dualismo.

A matriz essencial do pensamento *Nova Era* deve ser procurada na tradição esotérico-teosófica amplamente aceite pelos círculos intelectuais europeus nos séculos XVIII e XIX. Esteve particularmente presente na maçonaria, no espiritismo, no ocultismo e na teosofia, que têm em comum um certo tipo de cultura esotérica. Nesta visão do mundo, os universos visíveis e invisíveis são ligados por uma série de correspondências, analogias e influências entre o microcosmo e o macrocosmo, entre metais e plantas, entre planetas e diferentes partes do corpo humano, entre cosmo visível e reinos invisíveis da realidade. A natureza é um ser vivo, atravessado por fluxos de simpatia e antipatia, animado por uma luz e por um fogo secretos que os seres humanos procuram controlar. As pessoas podem entrar em contacto com

mundos superiores e inferiores, mediante a imaginação,²⁰ ou então, utilizando mediadores²¹ ou rituais.

Resumidamente, podemos afirmar que o documento «Jesus Cristo, Portador da Água Viva» é uma reflexão pastoral, destinada a ajudar os bispos, catequistas e quantos estão comprometidos nos vários programas de formação da Igreja, com vista a identificar as origens da *Nova Era*, de modo a elaborar meios e métodos capazes de enfrentar os numerosos e diversos desafios que o movimento está a lançar à comunidade cristã, nas diferentes regiões do mundo onde se encontra presente. Aliás, a «doutrina» da *Nova Era* constitui um desafio às pessoas que se dizem cristãs e que se têm confrontado com o que o movimento afirma sobre o Cristo cósmico e o Cristo histórico, que se distancia do Jesus Cristo da fé cristã. Em última análise, podemos dizer que este documento é já um ulterior fruto da atenção da Igreja ao mundo. Ele nasce do dever que a Igreja tem de permanecer fiel à Boa Nova, da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, que oferece verdadeiramente a água da vida a todos aqueles que se aproximam dele com a mente e o coração abertos²².

Segundo esta reflexão cristã, a *Nova Era* apresenta-se como uma «nova ordem mundial» que procura substituir a era do Peixe pela nova era do Aquário. A era do Aquário é uma *Nova Era* fundamentada sobre a harmonia, a compreensão e o amor. Trata-se de uma doutrina bastante atraente, sobretudo nos dias que correm, visto que tudo o que ela oferece satisfaz as aspirações das pessoas, inconformadas com as instituições tradicionais.

Em termos astrológicos o sol está a passar do signo do Peixe para o signo de Aquário. A Era do Peixe foi identificada com o período em que o cristianismo teria predominado, mas esta era, ao que parece, deveria ter terminado depressa, para dar lugar à era do Aquário, no qual a moral tradicional deixaria de existir para dar lugar a um novo modo de pensar, em que

²⁰ Um órgão da alma e do espírito.

²¹ Anjos, espíritos, diabos.

²² Cfr. P. POUPARD, «Intervenção do cardeal Paul Poupard, Presidente do Pontifício Conselho para a Cultura, na apresentação de um documento sobre a «New Age»», in *L'Osservatore Romano*, Edição portuguesa (1 de Março de 2003), 11-12.

os homens e as mulheres passarão a ter uma relação mais harmoniosa. Para isso será preciso mudar completamente o modo de pensar de todos os seres humanos, condicionado pela moral tradicional.

No final deste percurso chegamos à conclusão de que a *Nova Era* se apresenta como uma utopia ambígua, para responder à profunda sede de felicidade do coração humano, à mercê da dramaticidade da existência insatisfeita frente à profunda imperfeição da felicidade moderna. Ela apresenta-se como uma resposta potencialmente enganadora à esperança mais antiga do homem, a esperança de uma nova era de paz, de harmonia e de reconciliação consigo mesmo, com os outros e com a natureza.

Deixa um desafio para a pastoral cristã, que tem de se afirmar como alternativa capaz de apresentar Jesus Cristo como portador de água viva, aquele que sacia verdadeiramente a nossa sede de felicidade.

De entre os aspetos que encontramos na Nova Era, o sincretismo, juntamente como um forte monismo, e espiritualismo acentuado parece-nos serem os aspetos que se salientam como característica fundamental desta nova espiritualidade. Nesse sentido, utilizaremos esses tópicos para a sequência do trabalho que nos propomos realizar, aplicando-os como chave de leitura à obra em estudo.

2 - Elementos de sincretismo e monismo na obra «Conversas com Deus»

A *Nova Era* apresenta quatro características próprias que a distingue das grandes tradições religiosas: apresenta uma relação amistosa e positiva com a ciência; possui uma forte sede de unidade transferida para o mundo das religiões, que se converte num ecumenismo envolvente de matriz oriental, o qual supera todas as divisões e todas as diferenças, de matriz oriental; representa uma nova psicologia, a transpessoal que defende a ideia de que o homem se realiza em experiências que transcendem a própria experiência; e recorre ao *channeling* e ao esoterismo. No entanto, em todas estas características se manifestam recursos a elementos claramente pertencentes a outras tradições religiosas, sobretudo ao cristianismo e ao budismo, sem necessidade de os distinguir e como se todos eles pertencessem ao mesmo universo espiritual. Este sincretismo é também evidente na obra que nos propomos analisar.

Ao mesmo tempo, na *Nova Era*, universo é visto como um grande corpo vivo, único, sustentado por relações qualitativas, não por leis mecânicas. Todos os seres estão aparentados e formam uma grande família. É um holismo que apresenta todos os seres como elementos do UNO: Deus e o mundo, a alma e o corpo, a inteligência e o sentimento, e o interior e o exterior constituem uma unidade e a realidade total pela qual o ser humano anseia. O universo é um todo vivo espiritual; um todo que é uno e está presente em todas as partes²³. Este monismo ontológico, que anula a diferença entre bem e mal e entre os seres particulares, sobretudo das pessoas individuais, transformando-as em pura aparência de uma única realidade unificante – alma universal – é sem dúvida uma das heranças da filosofia e espiritualidade asiática, que agora se manifesta claramente, numa versão fortemente psicologizada e concentrada nos sentimentos individuais.

²³ Cfr. J. M. MARDONES, *Para compreender as Novas Formas da Religião*, 125.

Esta sede de unidade, que é um dos elementos que se encontra na sensibilidade da *Nova Era*, espelha-se nas «Conversas com Deus». É-nos dito que Deus não nos abandona porque ele disse: «Estou sempre convosco, até ao fim dos tempos (...) EU SOU»²⁴:

«Sou o vento que vos roça os cabelos. Sou o Sol que vos aquece o corpo. Sou a chuva que vos dança no rosto. Sou o aroma das flores que exalam a sua fragrância. Sou o ar que transporta essa fragrância.

Sou o princípio do vosso primeiro pensamento. Sou o fim do último. Sou a ideia que iluminou o vosso momento mais brilhante. Sou a glória da sua realização. Sou o sentimento que alimentou a coisa mais amorosa que jamais fizeram. Sou a parte de vós que anseia por esse sentimento repetidamente.

O que quer que para vocês resulte, o que quer que o faça acontecer - qualquer que seja o ritual, cerimónia, demonstração, meditação, pensamento, canção, palavra ou acção necessária para que vocês se "re-unam" _ façam-no.

Fazei isto em memória de Mim»²⁵.

Portanto, Deus deu-nos a «missão» de fazer tudo aquilo que resulte, fazendo com que o ser humano se re-membre²⁶. Deus criou-nos à sua imagem e semelhança, mas deu-nos esse livre arbítrio para que façamos com a vida aquilo que quisermos. Aquilo que quisermos para nós é a vontade de Deus em relação a nós²⁷. Só temos de saber quem somos e o que queremos. Só saberemos isso depois da experiência, e só se atinge tal saber após a experiência. Pois é ela que nos leva a ver que o eu não é senão o «si próprio», o totalmente absoluto e uno.

Quanto ao ser humano afirma-se:

«Tu és o teu próprio legislador. Tu defines as linhas orientadoras. És tu quem avalia os actos cometidos; os que estás a cometer, pois foste tu a decidir Quem

²⁴ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 51.

²⁵ *Ibidem*, 52.

²⁶ Re-membrar quer dizer recuperar as partes, tornar a juntar as partes, para assim termos a consciência de quem realmente somos.

²⁷ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 30-31.

e o Que Realmente És – e Quem Queres Ser. E tu és o único capaz de julgar a natureza dos teus actos»²⁸.

«Eu quero aquilo que vocês querem. No dia em que realmente desejarem pôr termo à fome, não haverá mais fome»²⁹. «Eu quero realmente aquilo que tu queres realmente – nada de diferente e nada mais. Não vês que é essa a minha maior dádiva para ti? ... A minha alegria está na tua liberdade, não na tua obediência»³⁰.

«Eu nada farei por ti que tu não estejas disposto a fazer por ti mesmo. É essa a lei dos profetas.

O mundo está no estado em que está por vossa causa e pelas opções que vocês fizeram – ou deixaram de fazer»³¹.

Ou seja, vivemos a nossa vida da maneira que vivemos e Deus não tem qualquer influência nessas vivências. «Tu és o criador da tua realidade e a vida não pode revelar-se senão da forma em que tu achas que ela o fará»³² uma vez que a vida é um processo contínuo e interminável de recriação. O ser humano está sempre a recriar-se à imagem da sua próxima ideia sublime de si próprio³³. E é essa a vontade de Deus em relação a cada ser humano.

Contudo, por ter esta liberdade, o ser humano vive com medo. Ele está sempre a culpar-se porque está preocupado com o desfecho final, duvidando do Criador. A dor que sente resulta de um juízo que ele faz sobre uma coisa. Sem esse juízo, a dor desaparece. Um juízo baseia-se, muitas vezes, na experiência anterior que parte sempre de um primeiro pensamento. O pecado original é quando o primeiro pensamento sobre uma coisa está errado. Se assim for, cabe ao Espírito Santo a tarefa de nos inspirar para novos conhecimentos que podem libertar-nos do erro e fazer com que o nosso segundo ou terceiro pensamento seja reparador do primeiro pensamento³⁴. Sempre que se duvida de Deus está-se a abrir-se a porta para o nosso maior inimigo, que é o medo. Todas sabemos que as ações humanas são

²⁸ Ibidem, 61.

²⁹ Ibidem, 69.

³⁰ Ibidem, 204.

³¹ Ibidem, 71.

³² Ibidem, 73.

³³ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 44.

³⁴ Cfr. Ibidem, 57.

movidas, ao nível mais íntimo, por uma de duas emoções – medo ou amor. O medo e o amor são os dois pontos – o Alfa e o Ómega – que permitem a existência do sistema a que chamamos «realidade». São a nossa motivação e todas as outras ideias são derivações destas duas. Como crescemos com medo, que nos foi ensinado, acabamos por escolher a ação movida pelo medo, quando devíamos antes fazer as nossas opções movida pelo amor, esse amor que nos faz ter uma experiência plena de glória de quem realmente somos e quem podemos vir a ser³⁵.

A nossa função na terra não é aprender porque já sabemos. A nossa função é recordar quem somos, ou seja, cada um deve recordar quem é e recordar quem todos os outros são. Temos a missão de lembrar aos outros (recordar-lhes) quem eles são, para que eles possam também re-membrar. É esse o nosso único propósito, o propósito da nossa alma. Temos de «saber» quem somos e ajudar os outros a «saberem» quem são.

O conceito de que a vida é uma escola está errado, porque não estamos cá para aprender nada. O nosso objetivo aqui não é aprender mas sim re-membrar³⁶. Certo é que ao re-membrar Deus estaremos a atingir a perfeição. Assim como Deus, nós também vamos mudando os limites à medida que mudamos de ideias sobre quem nós somos³⁷.

Cada alma é um Mestre. Cada uma delas cria a situação e as circunstâncias para o seu propósito mais sublime e para a sua própria mais rápida lembrança - a cada momento chamado presente³⁸.

«A função da alma é mostrar o seu desejo, não impô-lo.

A função da mente é optar por uma das suas alternativas.

A função do corpo é representar essa opção.

Quando corpo, mente e alma criam em conjunto, em harmonia e em unidade, Deus faz-se carne.

³⁵ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 32-34

³⁶ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 65.

³⁷ Cfr. *Ibidem*, 61.

³⁸ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 51-52.

É então que a alma se conhece a si mesma na sua própria experiência.
É então que os Céus rejubilam»³⁹.

Deus nunca estabeleceu um «certo» ou «errado», um «faz» ou «não faça». «Não há “devos” ou “não devos” no mundo de Deus. Faz o que queres fazer. Faz o que reflete a tua imagem»⁴⁰. Deus afirma que nada está errado (errado aqui significa «aquilo que não vos serve, de acordo com quem e com o que optem por ser»), pois, não existe nem certo nem errado⁴¹.

«... Só há aquilo que tu escolhes e a forma como podes obtê-lo. Se escolhes paz, alegria e amor, não obterás grande coisa através daquilo que está a fazer. Se escolhes felicidade e contentamento, pouco encontrarás disso no trilho do fazer. Se escolhes o reencontro com Deus, com o supremo saber, o profundo entendimento, a infindável compaixão, a total consciência, a absoluta auto realização, não alcançarás muito disso no que estás a fazer»⁴².

Deus quer o nosso desenvolvimento, não a nossa obediência⁴³. «Uma coisa só está certa ou errada porque tu o dizes. Uma coisa não está intrinsecamente certa ou errada»⁴⁴, pois, Deus não criou nada desdenhável – e, como disse Shakespeare, nada é «mau» a menos que o pensamento assim o torne⁴⁵.

«O “estar certo” ou o “estar errado” não é um estado intrínseco, é um juízo subjectivo num sistema de valores pessoais. Através dos teus Juízos subjectivos, cria-se a ti mesmo – através dos teus valores pessoais determinas e demonstras Quem Tu És. O mundo existe exactamente da maneira que está para que possas fazer esses juízos. Se o mundo existisse num estado perfeito, o teu processo vital de autocriação chegaria ao fim. Acabaria»⁴⁶.

³⁹ Ibidem, 216.

⁴⁰ Ibidem, 57.

⁴¹ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 175.

⁴² N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 210.

⁴³ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 135.

⁴⁴ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 68.

⁴⁵ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 140.

⁴⁶ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 68.

«Acho engraçado – é, de resto, uma fonte constante de divertimento – que vocês, homens, tenham tal necessidade de classificar tudo como certo e errado. Nunca vos passa pela cabeça que foram vocês que *inventaram esses rótulos* para vos ajudarem a classificar o mundo material – e a vós mesmo.

Nunca vos passa pela cabeça (a não ser àqueles de entre vós dotados de mentes superiores) que uma coisa pode estar certa e errada, que só no mundo relativo é que as coisas são uma coisa ou outra. No mundo do absoluto, de tempo-não-tempo, *todas as coisas são tudo*.

Não há masculino e feminino, não há antes e depois, não há rápido e lento, aqui e ali, cima e baixo, esquerda e direita – nem há certo e errado»⁴⁷.

«Existe apenas aquilo que vos convém e o quenão convém. Os termos “certo” e “errado” são termos relativos e é dessa forma que Eu os emprego, quando tenho de fazê-lo. Neste caso, em relação àquilo que vos convém – em relação àquilo que *dizem que querem* – os vossos pensamentos sobre o dinheiro estão errados.

Lembra-te que os pensamentos são criativos. Por isso, se pensarem que o dinheiro é mau mas se pensarem que vocês são bons... pronto, aí tens o conflito.

Agora tu, em particular. Meu filho, emprega ambiciosamente essa tua consciencialização. Para a maioria das pessoas o conflito não é, nem de longe, tão terrível como para ti. Muitas delas fazem aquilo que detestam para ganhar a vida, portanto não se importam de levar dinheiro por isso. “Mal” por “mal”, por assim dizer. Mas tu adoras as actividades com que os preenches»⁴⁸.

O que nos é dito é que a definição de «certo» e «errado» é uma definição estabelecida não só pelo tempo, mas também por mera geografia. Por exemplo, algumas atividades no nosso planeta, como a prostituição, por exemplo, são ilegais num sítio e legais noutra, apenas a algumas milhas de distância. Por isso, o fato de uma pessoa julgada como tendo feito alguma coisa «errada» não é uma questão daquilo que a pessoa fez, mas de onde a fez⁴⁹. Mas Deus não nos proíbe de nada porque os nossos desejos são os desejos de Deus e as nossas

⁴⁷ Ibidem, 237.

⁴⁸ Ibidem, 200.

⁴⁹ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 63.

vontades são as vontades de Deus⁵⁰. Elenão quer despojar-nos da nossa maior dádiva, que é a oportunidade de fazer o que queremos e experienciar os resultados disso. Deus não quer limitar-nos. Ele quer-nos livres. Não quer que vivamos no inferno. Nas «Conversas com Deus» é-nos dito que o inferno é: a experiência do pior dos desfechos possíveis das escolhas, decisões e criações; a consequência natural de qualquer pensamento que nos negue ou que se oponha a que sejamos quem somos em relação a nós; a dor que se sente por causa de um juízo errado. Contudo, até mesmo a designação «Juízo errado» está incorreta, pois essa coisa do «errado» não existe; é o oposto da alegria. É a não realização pessoal. É saber quem e o que nós somos e não conseguirmos experienciar-lo. É ser menos⁵¹...

Apesar desses conceitos, no fundo o demónio e o inferno não existem. O que existe é a não realização. A salvação passa pela nossa realização.

Não existe «certo» ou «errado» no Universo. Uma coisa não é intrinsecamente certa ou errada. Uma coisa é, simplesmente⁵². «Todos os acontecimentos são Actos de Deus»⁵³. «Os erros que Hitler cometeu não causaram qualquer mal ou prejuízo àqueles cujas mortes provocou. Essas almas foram libertadas da sua servidão terrena, como borboletas que emergem do casulo»⁵⁴. No fundo, pode-se dizer que o propósito da experiência de Hitler foi mostrar a Humanidade a si própria. Esse comportamento de Hitler diz-nos que a consciência é tudo e cria a nossa experiência. A consciência de grupo é poderosa e produz desfechos de indescritível beleza ou fealdade, porém a escolha é sempre nossa⁵⁵. Deus não faz juízo, assim como nós fazemos, no que se refere ao que chamamos coisa “boa” ou “má”. Deus diz-nos que

⁵⁰ Cfr. *Ibidem*, 33.

⁵¹ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 59-60.

⁵² Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 64.

⁵³ *Ibidem*, 65.

⁵⁴ *Ibidem*, 71.

⁵⁵ Cfr. *Ibidem*, 85.

há perfeição em tudo e que nós devemos fazer um esforço para ver a perfeição. Esta é a mudança de consciência que temos de fazer⁵⁶.

«Há séculos que as pessoas condenam Adão e Eva. Dizem que eles cometeram o Pecado Original. Digo-te: foi a Benção Original. Porque sem esse acontecimento, a partilha do conhecimento do bem e do mal, tu nem sequer saberias que as duas possibilidades existem! De facto, artes da chamada Queda de Adão, essas duas possibilidades não existem. Não havia "mal". Tudo e todos existiam num estado de constante perfeição. Era literalmente, o Paraíso. No entanto não sabias que era o Paraíso - não o podias experienciar como perfeição - porque não conhecias mais nada.

Irás condenar Adão e Eva, ou agradecer-lhes?

E que dirias que devo fazer com Hitler?

Digo-te o seguinte: o amor de Deus e a compaixão de Deus, a sabedoria de Deus e o perdão de Deus, a intenção de Deus e o propósito de Deus são suficientemente grandes para incluir o crime mais horrendo e o criminoso mais infame»⁵⁷.

O «ir para o Céu» é coisa que não existe. Existe apenas uma certeza, já estamos no céu. Não podemos ir para onde já estamos.

«O engraçado é que a maioria das pessoas julga que têm de sair de onde estão para irem para onde querem estar. E por isso deixam o Céu para irem para o Céu – e passam pelo inferno.

A Iluminação é saber que não há nenhum lugar para onde ir, nada para fazer e ninguém que tenhas de ser exceto exatamente quem estás a ser neste momento»⁵⁸.

⁵⁶ Cfr. *Ibidem*, 199.

⁵⁷ *Ibidem*, 89.

⁵⁸ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 125-126.

Nós não temos nenhuma obrigação, nem nas relações nem em nada na vida. Não temos nenhuma obrigação nem nenhuma restrição ou limitação, nem nenhuma linha orientadora ou regra. Nem estamos vinculados por nenhuma circunstância ou situação, nem restringido por nenhum código ou lei. Não somos puníveis por nenhuma ofensa, nem capazes de as cometer – pois, aos olhos de Deus, não existe nada que seja «ofensivo»⁵⁹.

«Não tens nenhuma obrigação nas relações. Tens apenas oportunidades.

A oportunidade, não a obrigação, é a pedra angular de religião, a base de toda a espiritualidade. Enquanto vires a coisa ao contrário não conseguirás entender»⁶⁰.

Ao falar da vida, Donald Walsh abre a porta para a ideia da reencarnação. Ele diz que Deus lhe disse que a vida é eterna e que o ser humano nunca morre. O ser humano é imortal. Muda apenas de forma.

«... Achas mesmo que o melhor que Deus conseguiria fazer, o melhor que Eu conseguiria arranjar, era um corpo que chegasse aos sessenta, setenta, talvez oitenta anos para então se desfazer? É essa, na tua opinião, o limite das Minhas capacidades?

(...) Eu concebi o vosso magnífico corpo para que ele durasse eternamente! E os primeiros homens viveram dentro do corpo praticamente sem sofrimento e sem medo daquilo a que vocês agora chamam morte»⁶¹.

A «morte» não existe. A vida continua para todo o sempre. Essa vida que levamos na terra é sofrimento. «Foi Buda que disse "A vida é sofrimento". O Buda estava certo»⁶². A vida é. Muda-se simplesmente de forma.

⁵⁹ Ibidem, 167.

⁶⁰ Ibidem, 169.

⁶¹ Ibidem, 236.

⁶² N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 88.

«Depois de mudarem de forma, deixam de existir consequências. Há apenas Saber.

As consequências são um elemento da realidade. Não têm lugar no Absoluto porque dependem do "tempo" linear e de acontecimentos sequencias, que não existem no Reino do Absoluto.

Nesse reino nada há senão paz e alegria e amor.

Nesse reino conhecerão por fim a Boa Nova: que o vosso "Diabo" não existe, que são quem sempre pensaram que eram proveito de um louco mundo exterior, fazendo com que ajam loucamente. Um mundo exterior de juízo, vocês julgaram-se a vós próprios.

Agora querem que Deus vos julgue, e Eu não o farei.

E porque não podem compreender um Deus que não age como agiriam os humanos, estão perdidos.

A vossa teologia é a tentativa de se encontrarem novamente a vós próprios»⁶³.

O propósito da vida não é agradar a Deus, mas sim conhecer, e recriar, quem nós somos. Ao fazê-lo agradamos a Deus, e glorificamo-La também⁶⁴. Toda a nossa vida é um processo de decisão de quem nós somos, e depois experienciá-lo⁶⁵.

É sublinhado que médium ou channeling é cada um de nós, pois somos qual se transmitem as revelações dos espíritos superiores, ou então através de nós pode-se entrar em contacto com pessoas defuntas, pode-se desvendar vidas anteriormente vividas, etc. É dito com clareza que não há ninguém que não possua isso a que chamamos capacidade mediúnica. E usar a capacidade mediúnica é usar o nosso sexto sentido. Todos somos capazes de a usar. Há aqueles que simplesmente não a usam.⁶⁶

O sexo é sagrado e deve ser uma alegria, uma festa que se tornou numa experiência de medo, ansiedade, «não suficiência», inveja, raiva e tragédia. Brincar com o sexo é um

⁶³ Ibidem, 69.

⁶⁴ Cfr. Ibidem, 70.

⁶⁵ Cfr. Ibidem, 60.

⁶⁶ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 249.

divertimento maravilhoso. Falando dele como experiência física é das experiências físicas mais divertidas que o corpo pode dar. Contudo, não devemos destruir a inocência e o prazer sexual, a pureza do divertimento, a alegria, dando ao sexo uma má utilização. Não deve ser usado para obtermos poder ou por algum intento oculto; para satisfação do ego ou para dominar; por qualquer outro propósito que não o da mais pura alegria e o mais sublime êxtase, dado e partilhado (amor, e amor recriado), uma nova vida! O sexo é uma extraordinária demonstração de amor⁶⁷.

«... Eu não te dei nada de vergonhoso, muito menos o teu próprio corpo e as suas funções. Não há necessidade de esconderes o teu corpo ou as suas funções – nem o teu amor por elas e de ti pelos outros»⁶⁸.

A sexualidade não é para ser vivida com vergonha. E não como culpa, não com medo. Isso porque a vergonha não é virtude, a culpa não é bondade e o medo não é respeito.

Não se deve viver a sexualidade com luxúria, porque a luxúria não é paixão; não com abandono, porque o abandono não é liberdade; e não com agressividade, porque a agressividade não é impetuosidade. E também, não com ideias de controlo ou poder ou domínio, porque essas nada tem a ver com Amor⁶⁹.

«Toda a vida vos ensinaram que é melhor dar do que receber. Contudo não se pode dar aquilo que se não tem.

É por isso que a auto-gratificação é tão importante – e porque é tão lamentável que tenha passado a soar tão mal.

É obvio que não é da auto-gratificação à custa dos outros que estamos aqui a falar. Não se trata de ignorar as necessidades dos outros. No entanto, a vida não deveria ter a ver com ignorar as vossas próprias necessidades.

⁶⁷ Cfr. *Ibidem*, 250-252.

⁶⁸ *Ibidem*, 253.

⁶⁹ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 108.

Dêem a vós próprios prazer em abundância, e terão prazer em abundância para dar aos outros.

Os mestres de sexo Tântrico sabem-no. Por isso são a favor da masturbação, a que alguns de vós, de facto, chamam pecado»⁷⁰.

Os sentimentos não são negativos nem destrutivos. Alguns sentimentos são sentimentos verdadeiros, sentimentos nascidos na alma, e alguns sentimentos são sentimentos falsos, os que são construídos na mente. Esses últimos não são sentimentos, mas sim pensamentos. Pensamentos mascarados de sentimentos. São pensamentos baseados na nossa experiência anterior e na experiência que observamos nos outros⁷¹. Os sentimentos são a nossa verdade. O que é melhor para cada um é o que é verdadeiro para cada um⁷².

O tempo não existe. Existe sim todas as coisas em simultâneo. Todos os acontecimentos ocorrem ao mesmo tempo e somos nós que nos movemos, não o tempo. O tempo não tem movimento. Existe apenas um momento.⁷³ O tempo só existe na nossa mentalidade porque assim construímos o tempo da nossa mentalidade⁷⁴.

«Num certo nível compreendes isto profundamente. É por isso que quando algo realmente magnífico ou significativo acontece na tua vida, dizes frequentemente que é como se "o tempo parasse".

Ele pára mesmo. E quando *tu também páras*, experiências muitas vezes um daqueles momentos que definem a vida.

Acho difícil de acreditar. Como é isso possível?

A vossa ciência já o provou matematicamente. Foram escritas fórmulas que mostram que se embarcasses numa nave espacial e voasses suficientemente longe e suficientemente depressa, podias dar a volta de regresso à Terra e observares-te a levantar voo.

⁷⁰ Ibidem, 111.

⁷¹ Cfr. Ibidem, 40-42.

⁷² Cfr. Ibidem, 53.

⁷³ Cfr. Ibidem, 90-91.

⁷⁴ Cfr. Ibidem, 95.

Isto demonstra que o tempo não é um movimento, mas um campo através do qual tu te movimentas - neste caso na Nave Terra.

Dizem que são precisos 365 "dias" para perfazer um ano. Mas o que é um dia?»⁷⁵

O que se tem feito é encontrar uma maneira de medir os movimentos através do espaço. Mas, não é o tempo que «passa». O «tempo» é simplesmente a nossa forma de contar movimentos⁷⁶.

O tempo que existe é este tempo e não há nenhum momento que não seja este momento. «Agora» é tudo o que há. Há apenas um momento - este momento eterno de agora⁷⁷.

O tempo é o agora e o sempre nada mais é do que uma coisa de precisamente agora. Deus criou TUDO AO MESMO TEMPO, e tudo existe precisamente agora⁷⁸.

«É precisamente agora que tudo está a acontecer - e Eu sou glorificado. Não há que esperar pela glória de Deus. Eu fi-lo assim porque Eu não podia esperar! Estava tão feliz por Ser Quem Eu Sou que não podia esperar para o tornar manifesto na Minha realidade. Por isso BUM, aqui está - aqui mesmo, agora mesmo - TUDO!

Não existe Princípio para isto, e não existe Fim. O Tudo de Todas as Coisas - apenas É»⁷⁹.

Vivemos a nossa vida, a nossa vida entendida presentemente, no nosso passado, no nosso presente, no nosso futuro, de uma só vez. Devemos todos os momentos preciosos que temos, o momento de agora para a criação e a expressão de quem realmente somos⁸⁰.

⁷⁵ Ibidem, 91.

⁷⁶ Cfr. Ibidem, 93.

⁷⁷ Cfr. Ibidem, 55.

⁷⁸ Cfr. Ibidem, 57.

⁷⁹ Ibidem, 56.

⁸⁰ Cfr. Ibidem, 101.

Deus não está em nenhuma parte em particular, porque para estar nalguma parte em particular, Deus teria de não estar noutra parte - o que não é possível para Deus. Portanto, devemos afirmar que Deus está em toda a parte⁸¹.

Podemos concluir neste capítulo que esta obra apresenta um monismo de fundo que faz surgir a transcendência da imanência: a presença do divino em toda a realidade. Consequentemente, resistência às separações humano-divino, natural-sobrenatural, sagrado profano, etc.

Apresentado como sendo um material espiritual sagrado, as «Conversas com Deus» abrange um leque espantoso de tópicos, desde como fazer com que as relações resultem, até à natureza da realidade suprema e à cosmologia resultem, até à natureza da realidade suprema à cosmologia do Universo, e inclui observações sobre a vida, a morte, o romance, o casamento, o sexo, a paternidade, a saúde, a educação, a economia, a política, a espiritualidade e a religião, o projecto de vida e o meio de vida adequado, a física, o tempo, as tradições e os costumes sociais, o processo da criação, a nossa relação com Deus, a ecologia, o crime e castigo, a vida nas sociedades evoluídas do cosmos, o certo e o errado, os mitos e éticas culturais, a alma, as almas gémeas, a natureza do amor genuíno, e o caminho para a expressão gloriosa da parte de nós que reconhece a Divindade como nossa herança natural⁸², etc., com a finalidade ajudar as pessoas a re-membrar quem são. Assim como as outras literaturas da *Nova Era*, a finalidade é fazer a ruptura com a religiosidade tradicional cristã e fazer uma renovação e uma superação das doutrinas cristãs. Até porque segundo este movimento estamos perante uma nova espiritualidade que quer ultrapassar o provincianismo religioso, inclusivamente as grandes religiões. Procura-se um ecumenismo religioso que quer ver o comum, para lá do específico.

⁸¹ Cfr. *Ibidem*, 61.

⁸² N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 3, 13..

Depois de ler os três livros de Donald Walsch, a ideia com que ficamos é que «somos apenas um». Chega-nos a ser apresentado que tudo está contido nesta verdade: Se toda a gente está a criar tudo o que está a ser agora experienciando logo Deus está a criar tudo o que está a ser agora experienciado, porque Deus é toda a gente⁸³.

⁸³ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 101.

3 - O Espiritualismo nas ideias de Neal Donald

Os três volumes das «Conversas com Deus» surgem na sequência de cinco questões levantadas por Donald Walsch, sobre os problemas e as dificuldades pessoais:

«Porque é que a minha vida não corria bem? Que seria preciso para pô-la a funcionar? Por que motivo não conseguia eu encontrar a felicidade nas relações? Estar-me-ia para sempre vedado o acesso a uma verdadeira situação de desafogo material? Finalmente – e a mais enfática – Que fizera eu para merecer uma vida de tão constante luta?»⁸⁴

Pelo que consta, tanto a resposta a estas questões como o convite para falar com Deus, veio de Deus, mas através da mente de Donald Walsch. Ou seja, a resposta e o convite veio dele mesmo. Deus o chama: «...foste tu quem Me convidou, pois Eu dirigi-me a ti, nesta forma, neste preciso instante, em resposta ao teu chamamento»⁸⁵. Chama-o para que ele tenha a resposta às perguntas que ele mesmo levantou. E desse encontro com Deus e consigo próprio Donald Walsch encontra o perdão:

«Sinto-me, porém, encorajado por Deus a conceder a mim mesmo o perdão pelas minhas falhas e a não viver num estado de medo e de culpa, mas sim continuar sempre a tentar – sempre a tentar – viver uma visão mais grandiosa»⁸⁶.

Temos aqui sinais concretos de espiritualismo individualista. A Nova Era procura fazer com que o ser humano procure a salvação partindo de si mesmo. Trata-se de uma espécie de movimento religioso que tem por centro o Homem – e só o Homem – na sua dimensão de auto-libertador. Estamos perante um movimento que é, ao mesmo tempo, uma

⁸⁴ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 17.

⁸⁵ *Ibidem*, 24.

⁸⁶ *Ibidem*, 14.

religião, uma filosofia, um humanismo, uma antropologia religiosa e que tem por intenção libertar o Homem de todas as religiões clássicas, mormente das de matriz judeo-cristã, apresentando a alternativa da salvação-libertação, através do desenvolvimento da consciência humana⁸⁷. Daí Donald Walsh falar, muitas vezes, da mente como o Mestre de onde devemos partir para nos lembrarmos quem somos.

É-nos dito que a nossa mente sabe quais são os nossos pensamentos verdadeiros. Por isso, não devemos esperar que Deus faça algo por nós, visto que Deus sabe o que nós sabemos, e aquilo que nós sabemos é o que aparece como nossa realidade. A nossa mente é um Mestre, e um Mestre consegue fazer desaparecer a dor mais atroz. Nesse sentido, o Mestre cura⁸⁸.

«És, portanto, o propósito e a glória de Deus: que os Seus súbditos deixem de sê-lo e que todos venham a conhecê-lo não como o inatingível mas como o inevitável.

Gostaria que entendessem isto: o vosso destino feliz é inevitável. Não podem não ser “salvos”. O único Inferno que existe é não sabê-lo»⁸⁹.

Somos aquilo que somos – espíritos puros e criativos. Somos, sempre fomos, e sempre seremos, uma parte divina do todo divino, um membro do corpo. Para nos tornarmos à imagem e semelhança de Deus, temos de «entrar no jogo espiritual», colocando toda a nossa mente, todo o nosso corpo e toda a nossa alma nesse processo⁹⁰.

Deus não se revela na sua Essência Divina a partir, ou através, de uma observação exterior, mas por meio da experiência interior. E quando a experiência interior revelou essa Essência Divina, a observação exterior não é necessária. E se a observação exterior for necessária, é porque a experiência interior não é possível⁹¹. Mas, no absoluto não há

⁸⁷ Cfr. J. C. DAS NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia*, 242.

⁸⁸ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 57.

⁸⁹ *Ibidem*, 144.

⁹⁰ Cfr. *Ibidem*, 142.

⁹¹ Cfr. *Ibidem*, 27.

experiência, apenas conhecimento, pois o conhecimento é um estado divino. O ser, só se alcança depois da experiência que possui, como sequencia: o saber, experiências, ser. É esta a Santíssima Trindade – o Deus Trinitário que é a verdade. Ele é a verdade que nos liberta.

«ESPÍRITO SANTO = INSPIRAÇÃO = CONCEBER

PAI = PROGENITOR = CRIAR

FILHO = PROGÉNIE = EXPERIÊNCIA»⁹²

« Deus Pai é o saber – o pai de todos os conhecimentos, o criador de todas as experiências, pois não se pode experimentar aquilo que não se conhece.

Deus Filho é o experimentar – a encarnação, a representação de tudo aquilo que o Pai sabe de Si mesmo, pois não se pode ser aquilo que não se experienciou.

Deus Espírito Santo é o ser – a desencarnação de tudo aquilo que o Filho experienciou de Si mesmo; a simples, a delicada equidade apenas possível através da memória do saber e da experiência»⁹³.

O Deus que nos é apresentado é um Deus energia e criação. Um Deus que é tudo o que está entre uma coisa e outra⁹⁴.

Assim como Deus-Pai, que é o pensamento que cria, nós também podemos criar dando vida, pois, possuímos o pensamento progenitor que dá vida a todas as coisas.

«O pensamento é energia pura. Todo o pensamento que tens, que tiveste e que venhas a ter, é criativo. A energia do teu próprio pensamento nunca morre. Nunca. Abandona o teu ser e dirige-se para o universo, expandindo-se eternamente. Um pensamento é eterno»⁹⁵.

O objetivo da nossa alma é realizar-se plenamente enquanto no interior do corpo; tornar-se a encarnação de tudo o que é realmente. Esse é o plano de Deus. O Seu ideal é vir a

⁹² N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 245.

⁹³ *Ibidem*, 48-49.

⁹⁴ *Cfr. Ibidem*, 241.

⁹⁵ *Ibidem*, 75.

realizar-Se através de nós. Para que, desse modo, o conceito se transforme em experiência, e assim Ele poder conhecer-nos experiencialmente⁹⁶. Segundo Donald Walsch, a alma veio para o corpo, e o corpo para a vida, para cumprir a sua evolução. Estamos a evoluir, a transformar. E servimo-nos da relação que temos com todas as coisas para decidirmos aquilo em que nos iremos transformar.

«Foi com essa função que vieste ao mundo. É essa alegria da criação do Eu. Do conhecimento do Eu. De te transformares, conscientemente, naquilo que desejas ser. É o que se entende por autoconsciência.

Trouxeste o teu Eu para o mundo relativo para que possas dispor das ferramentas com as quais irás conhecer e experienciar Quem Tu Realmente És. Quem Tu És é o ser que tu próprio crias em relação a tudo o mais que te rodeia. As tuas relações pessoais são elementos mais importantes neste processo. As tuas relações pessoais são, por conseguinte, solo sagrado. Não têm praticamente nada a ver com as outras mas, dado que envolvem outra pessoa, têm tudo a ver com elas.

É a dicotomia divina. O círculo fechado. Por isso não é assim tão radical afirmar: “Abençoados os egocêntricos pois conhecerão a Deus”⁹⁷.

Ser é a função da alma, enquanto que, o fazer é uma função do corpo. A nossa alma não se preocupa com aquilo que fazemos para ganhar a vida. A nossa alma só se preocupa com aquilo que estamos a ser enquanto fazemos o que quer que seja que estamos a fazer. A alma anseia por um estado de ser, não por um estado de fazer.

«O que é que a alma tentar ser?

Eu.

Tu.

⁹⁶ Cfr. Ibidem, 62.

⁹⁷ Ibidem, 156-157.

Sim, Eu. A tua alma é Eu e sabe-o. O que ela faz é tentar experienciar isso. E o que recorda é que a melhor maneira de ter essa experiência é não fazendo nada. Não há nada a fazer senão ser.

Ser o quê?

Tudo o que quiseres ser. Triste. Fraco. Forte. Alegre. Vingativo. Contemplativo. Cego. Bom. Mau. Homem. Mulher. A escolha é tua. E digo-o literalmente. A escolha é tua»⁹⁸.

Temos de tentar ser aquilo que gostamos de ser. A tarefa dura da alma é procurar ser Deus, visto que, tem uma lista enorme de existência à sua escolha. E é o que ela está constantemente a fazer. «“Sentir-se bem” é a forma de a alma gritar “É assim que eu sou!”»⁹⁹. Só estaremos bem quando fazemos a vontade de Deus, pois nem sempre a nossa vontade é a vontade de Deus.

«Quando digo “A tua vontade é a minha vontade”, não é a mesma coisa que dizer que a Minha Vontade é a tua vontade.

Se fizesses sempre a Minha Vontade, nada mais terias a fazer para conseguir a Iluminação. O processo estaria terminado. Já terias chegado.

Um dia em que não fizesses a outra coisa senão a Minha Vontade trar-te-ia a Iluminação»¹⁰⁰.

Nós somos seres de proporção Divina, mas só o descobriremos perfeitamente quando acabarmos com a limitação. Aí saberemos que a nossa alma sempre foi, sempre é e sempre será - para todo o sempre¹⁰¹.

A alma é a soma total de todas as sensações que já tivemos. A consciência que temos de algumas delas chama-se lembrança. Ou seja, tornar a juntar, recuperar as partes. Quando reagruparmos todas as partes de nós mesmo, teremos lembrado quem nós

⁹⁸ Ibidem, 211.

⁹⁹ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 114.

¹⁰⁰ Ibidem, 28.

¹⁰¹ Ibidem, 97.

realmente somos. Nada existe no teu mundo que não tenha existido primeiro como simples pensamento¹⁰².

«És um ser triplo. Composto de corpo, mente e espírito. Podes chamar-lhes também físico, não físico e metafísico. Esta é a Santíssima Trindade e tem sido designada por muitos nomes.

Aquilo que tu és, sou-o Eu. Sou o chamado Três-Em-Um»¹⁰³.

Nós somos sagrados como Deus é sagrado¹⁰⁴. Somos promessa de Deus de que seremos filhos Dele. Descendentes Dele. Seus semelhantes. Seus iguais. Para que a nossa vida esteja sempre «nos eixos» devemos pensar, falar e agir como o Deus que somos¹⁰⁵.

«És o que Eu te digo: EU SOU AQUILO QUE SOU.

E TU ÉS AQUILO QUE ÉS. Não podemos não ser. Podes mudar de forma as vezes que quiseres mas não podes deixar de ser. Podes, contudo, não conseguir saber Quem Tu És – e, não o conseguindo, experiencias apenas uma metade»¹⁰⁶.

«Ainda estás a tentar realizar (tornar real) Quem tu Realmente És. A vida (Eu) dar-te-á imensas oportunidades para o criares (lembra-te que a vida não é um processo de descoberta, a vida é um processo de criação)»¹⁰⁷. «Talvez aches fácil, essa história do “seres Quem Tu Realmente És”, mas é a coisa mais difícil que fará na tua vida. Aliás, se calhar até nem consegues. Poucas são as pessoas que o fazem. Não numa vida. Não em muitas»¹⁰⁸.

¹⁰² Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 98.

¹⁰³ *Ibidem*, 98.

¹⁰⁴ Cfr. *Ibidem*, 157

¹⁰⁵ Cfr. *Ibidem*, 100.

¹⁰⁶ *Ibidem*, 244.

¹⁰⁷ *Ibidem*, 160.

¹⁰⁸ *Ibidem*, 181.

«Estás a utilizar toda a vida - a totalidade de muitas vidas para ser e decidir Quem Realmente És; para optar e criar Quem Realmente És; para experienciar e realizares a tua ideia em curso sobre ti próprio.

Estás num Eterno Momento de criação do Eu e de realização do Eu através do processo de expressão do Eu.

Atraíste a ti as pessoas, acontecimentos e circunstâncias da tua vida como instrumentos com os quais moldar a Versão Mais Sublime da Visão Mais Grandiosa que jamais tiveste sobre ti próprio»¹⁰⁹.

Cada ser humano é um ser triplo, composto de corpo, mente e espírito. O corpo e a mente não se separam. Apesar do corpo mudar de forma, deixando para trás a sua parte mais densa, ele conserva sempre a sua capa exterior. A mente une-se ao espírito e ao corpo enquanto única massa de energia de três dimensões, ou facetas. Na verdade, o ser humano é uma única energia, ainda que com três características distintas¹¹⁰.

«A alma concebe, a mente cria, o corpo experienciar. O círculo está completo. A alma conhece-se então na sua própria experiência. Se não gosta do que está a experienciar (sentir), ou deseja, por qualquer razão, uma experiência diferente, basta-lhe conceber uma nova experiência do Eu e, literalmente, *mudar de ideias*»¹¹¹.

A maior dificuldade que as pessoas têm é ouvir as suas próprias almas. Isso porque as pessoas não sabem que a alma fala através dos sentimentos. Temos de escutar, seguir e honrar os nossos sentimentos¹¹².

A alma quer a evolução. Ela não tem nada a ver com as realizações do corpo ou com o desenvolvimento da mente, pois, para, a alma nada disso tem importância. Durante toda a vida julgamos que somos o nosso corpo, mas, o facto de alma querer abandonar o corpo não é nenhuma tragédia. Em muitos aspetos, a tragédia é estar dentro do corpo.

¹⁰⁹ Ibidem, 99.

¹¹⁰ Ibidem, 222-223.

¹¹¹ Ibidem, 239.

¹¹² N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 39.

«O teu corpo, a tua mente e a tua alma (espírito) são um só. Nisso, és um microcosmo de Mim – o Tudo Divino, o todo Sagrado, a Soma e a Substância. Assim já percebes como é que Eu sou o princípio e o fim de todas as coisas, o Alfa e o Ómega.

(...) TU ÉS O MEU CORPO.

O que o teu corpo é para tua mente e alma também *tu és* para a *Minha* mente e alma. Portanto:

Tudo o que eu experiencio é através de ti»¹¹³.

Estando dentro do corpo a alma não se limita a estar presa, pois, quem manda é a alma. O corpo precisa de a escutar. Contudo, para ouvir a alma, a primeira coisa a fazer é descobrir, com clareza, qual o objetivo da alma e deixar de fazer juízos sobre ela¹¹⁴. Pois, a alma sabe, na Sua sabedoria, que a experiência que estamos a ter neste momento é uma experiência que foi enviada por Deus antes de termos qualquer noção consciente. Isso é a experiência «pré-enviada», ela já vai a caminho enquanto a procuramos¹¹⁵.

«O que a alma procura é o mais sublime sentimento de amor»¹¹⁶. Ela procura o sentimento do amor-perfeito. O amor que é a soma de todos os sentimentos. O total obtido. O tudo. Para a alma experienciar o amor-perfeito tem de experienciar todos os sentimentos humanos¹¹⁷.

A função da alma é fazer com que optemos pela grandiosidade – que escolhamos o melhor de quem nós somos – sem condenar aquilo que não escolhemos. A alma procura o sentimento mais sublime. Procura experienciar – ser – o amor-perfeito. Apesar de saber que ela é o amor-perfeito, a alma deseja sê-lo na sua experiência.

¹¹³ Ibidem 240.

¹¹⁴ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 106-107.

¹¹⁵ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 38.

¹¹⁶ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 108.

¹¹⁷ Cfr. Ibidem, 108.

«...A função da alma é despertar-te. A função de Deus é despertar todos os outros.

Fazemo-lo vendo os outros com Quem Eles São – recordando-lhes Quem Eles São»¹¹⁸.

A nossa alma procura fazer com que pesquisemos a nossa «memória» para que possamos criar uma verdadeira experiência genuína de nós mesmos no momento de agora. Para isso temos de estar fora da nossa mente¹¹⁹.

«O desejo da alma é trazer-te de volta a Deus – trazer-te para casa, para mim.

É intenção da alma conhecer-te experiencialmente – e assim conhecer-Me. Porque a alma compreende que Tu e Eu somos Um, mesmo quando a mente nega esta verdade e o corpo exprime essa negação»¹²⁰.

Saberemos o que é melhor para nós quando escutarmos a nossa alma, porque o que é melhor para nós é o que para nós é verdadeiro.

«Quando ages apenas de acordo com o que é verdadeiro para ti, aceleras no teu caminho. Quando crias uma experiência baseada na "tua verdade de agora" em vez de reagires a uma experiência baseada numa "verdade passada", produz um "novo tu"»¹²¹.

Como vimos neste capítulo, a *Nova Era* procura fazer com que o ser humano procure a salvação partindo de si mesmo.

¹¹⁸ Ibidem, 175.

¹¹⁹ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 37.

¹²⁰ Ibidem, 38.

¹²¹ Ibidem, 39.

Os gnósticos defendem que a alma é parte do corpo integrante do ser humano, que saiu do mundo da luz – o Pleroma (a totalidade) – para cair no mundo das trevas, que é a nossa materialidade humana e histórica. Deste modo a alma fica prisioneira do corpo. Mas como a alma, agora encerrada no corpo, conserva ainda uma centelha da sua luz divina ou celestial, precisa de ser resgatada deste corpo pela luz do Pleroma a fim de regressar à sua casa celestial.

Os filósofos dizem-nos que existem duas formas ler a nossa vida e o que nós somos: por um lado, o lado de fora – pode ser julgado pelo nosso *funcionamento*, avaliando se todos os nossos órgãos andam como deve ser, avaliando quais são as nossas capacidades físicas ou a nossa competência profissional, se nos comportamos como manda a lei ou cometemos maldades, etc. Por outro lado, – o lado de dentro – somos uma experiência sobre a qual só nós próprios, na nossa interioridade, podemos dar opiniões avaliando o que recebemos e o que perdemos, comparando o que desejamos com o que recusamos, etc. E de facto, o nosso funcionamento influencia decisivamente na nossa experiência, e vice-versa¹²². Somos entes condicionados e influenciáveis.

O que dizem os poetas sobre a alma? Dirigindo-nos ao poetas ficamos a saber que:

A alma regressa ao corpo
Dirige-se aos olhos
E choca. – A Luz invade
Todo o meu ser. Que espanto!

JORGE GUILLÉN

«Para além», em Cântico

A alma e o conhecimento ou saber, segundo a *Nova Era*, são a verdadeira salvação. Por isso o deus da *Nova Era* é a energia cósmica de que todos participamos, não por recepção *ad intra*, mas por pertencermos à essência da mesma energia. Nós somos a projecção desta

¹²² Cfr. F. SALVATER, *As Perguntas da Vida*, 86.

energia cósmica e o mundo externo (a *res extensa* de Descartes) é a nossa própria projecção. Por isso, não há lugar para qualquer revelação transcendente. Se existe uma conversão, ela é mental (gnóstica) e não espiritual. Deus não é pessoa, mas sim a soma da consciência que existe no universo¹²³.

Não é esta a visão cristã de Deus e de salvação. Por isso no capítulo seguinte vamos procurar ver as pontes entre Cristianismo e Nova Era, bem como as diferenças entre uma «doutrina» e outra. Muitas das ideias que Donal Walsch nos apresenta são doutrinas cristãs, adaptadas e apresentadas de uma forma atraente e sugestiva.

¹²³ Cfr. J. C. DAS NEVES, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia*, 245.

4- As características do Cristianismo nas «Conversas com Deus»

Neste capítulo vamos falar de algumas características do cristianismo, que surgem nas «Conversas com Deus» de Donald Walsch, como por exemplo: o Deus Criador; o amor ao próximo; a liberdade e o livre-arbítrio entre outros.

Começemos por falar do Deus Criador, porque a criação aponta-nos para o princípio, para o início de tudo o que existe. Deus Criador é umas das características do cristianismo que o distingue das outras religiões. «É verdade que existem aqueles que são chamados deuses, tanto no céu como na terra, e neste sentido há muitos deuses e muitos senhores. Contudo para nós existe um só Deus: o Pai. D'Ele tudo procede, e é para Ele que existimos. E há um só Senhor Jesus Cristo, por quem tudo existe e por meio do qual também nós existimos» (1Cor 8, 5-6). Um cristão vê Deus como sendo um Pai próximo que faz caminhada com ele. Um Pai amigo e criador de tudo o que existe, visível ou invisível.

A Sagrada Escritura diz-nos que Deus é Criador: «No princípio, Deus criou o céu e a terra» (Gn 1, 1). E o Símbolo da Fé retoma-as, confessando a Deus, Pai todo-poderoso, como «Criador do céu e da terra»¹²⁴, «de todas as coisas, visíveis e invisíveis»¹²⁵. E nós, pela fé, acreditamos e afirmamos que Deus é Criador. Pela fé sabemos que o mundo foi organizado pela palavra de Deus, de modo que o que se vê provém de coisas invisíveis (Heb 11, 3). Deus Criador é a verdade em qual nós acreditamos¹²⁶. Ele abençoou o ser humano dizendo. «Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a Terra. Todos os animais da terra vos temerão e respeitarão: as aves do céu, os répteis do solo e os peixes do mar estão sob o vosso poder. Tudo o que vive e se move servir-vos-á de alimento. Entrego-vos tudo...» (Gn 9, 1-3). Ao fazer aquilo que Deus nos pede, ou seja, ao criarmos, estamos a ser co-criadores com Deus.

¹²⁴ Símbolo dos Apóstolos: DS 30.

¹²⁵ Símbolo Niceno-Constantinopolitano: DS 150.

¹²⁶ Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 279 e n. 286.

Nas obras «Conversas com Deus» é-nos dito que Deus é Criador. Donald Walsh afirma que foi Deus quem criou tudo o que agora existe – visível e invisível – e foi ele quem nos deu o mesmo poder de criar. Tudo partiu de Deus. Deus é o princípio e a acção é o fim. A acção é Deus a criar. E a criação só acontece quando usamos os três níveis: pensamento, palavra e acto. Ao criar estamos numa comunhão sagrada com Deus¹²⁷.

Todos sabemos que certos acontecimentos como a peste e a fome, a guerra e a doença, os terremotos, os tornados, os furacões e toda a espécie de catástrofes naturais, não são sempre determinadas por Deus. Esses acontecimentos muitas vezes são consequências das nossas más opções e ações.

«... o acto de matar nunca pode ser justificado como meio de expressar a raiva, soltar a hostilidade, “corrigir um erro” ou punir um infractor. A afirmação de que a guerra por vezes é necessária para acabar com o mal aplica-se – pois vocês assim o determinaram. Convencionaram, na criação do Eu que o respeito pela vida humana é, e deve ser, um valor primordial. Agrada-Me a vossa decisão, pois não criei a vida para que ela fosse destruída»¹²⁸.

No sentido mais lato, todas as coisas más que acontecem, muitas vezes, são resultado das nossas escolhas¹²⁹. Por isso, devemos procurar sempre optar pelo amor, pois, se escolhermos a ação movida pelo amor, faremos mais do que sobreviver, mais do que vencer, mais do que obtermos êxito. Nesse caso, experienciamos a plena glória de quem realmente somos e quem podemos ser¹³⁰.

O amor é outra das características do cristianismo que encontramos nas «Conversas com Deus». São Paulo, com o Hino ao Amor (1Cor 13, 1-13), entre várias outras afirmações, diz-nos sobretudo que:

¹²⁷ Cfr. N. D., WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 99.

¹²⁸ Ibidem, 2010,184.

¹²⁹ Ibidem, 56.

¹³⁰ Cfr. Ibidem, 37.

«O amor é paciente,
o amor é prestativo;
não é invejoso, não se ostenta,
não se incha de orgulho.
Nada faz de inconveniente,
não procura o seu próprio interesse,
não se irrita,
não guarda rancor.
Não se alegra com a injustiça,
mas regozija-se com a verdade,
Tudo desculpa, tudo crê,
tudo espera, tudo suporta.
O amor jamais passará.» (1Cor 13, 4-8a).

Ou seja, o amor é o mandamento novo que Jesus Cristo nos deixou, convidando-nos a amar os inimigos e a fazer o bem aos que nos odeiam¹³¹. O mandamento novo é que nos amemos uns aos outros, pois, Deus amou-nos de tal modo que nos entregou o Seu Filho único, para que todo aquele que n'Ele acredita não morra, mas tenha a vida eterna. De facto, Deus enviou o Seu filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por meio d'Ele¹³². É a radicalidade do amor de Deus.

O amor cristão deve ser radical, assim como Jesus Cristo foi radical para nos unir a Ele e por Ele ao Pai.

«Eu não Te peço só por estes mas também por aqueles que vão acreditar em Mim por causa da sua palavra, para que todos sejam um, como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti. E para que também eles estejam em Nós, a fim de que o mundo acredite que Tu Me enviaste. Eu mesmo lhes dei a glória que Tu Me deste, para que eles sejam um, como Nós somos um. Eu neles e Tu em Mim, para que sejam

¹³¹ Cfr. Lc 6, 27.

¹³² Cfr. Jo 3, 16-17.

perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que Tu Me enviaste e que os amaste, como Me amaste a Mim.

Pai, aqueles que Tu me deste, quero que eles estejam comigo, onde Eu estiver, para que eles contemplem a glória que Me deste, pois Me amaste antes da criação do mundo.

Pai justo, o mundo não Te reconhece, mas Eu reconheci-Te. Estes também reconheceram que Me enviaste. Tornei-lhes conhecido o Teu Nome. E continuarei a torná-lo conhecido, para que o amor com que Me amaste esteja neles e Eu mesmo esteja neles» (Jo 17, 20-26).

O amor a todos faz-nos um em Cristo. O relacionamento entre os seres humanos devia ser uma relação de amor, um amor que une e gera vida.

Donald Walsch fala do amor e da finalidade do relacionamento de amor que deve existir entre os seres humanos. Para ele todos os encontros humanos e, sobretudo, as relações humanas devem ser usadas para construírem quem nós realmente somos¹³³.

«É somente através das relações com outras pessoas, lugares e acontecimentos que podemos sequer existir (como uma porção cógnita, como algo identificável) no universo. Lembra-te outra coisa que não é. Só és o que és em relação a outra coisa que não é. É o que passa no mundo do relativo em oposição ao mundo do absoluto – onde Eu resido»¹³⁴.

O propósito da relação não é ter outra pessoa que possa completar-nos mas sim com o qual possamos partilhar a nossa plenitude¹³⁵. «O amor é a realidade fundamental. A única. A plena. O sentimento do amor é a vossa experiência de Deus»¹³⁶. Contudo, se não nos conseguirmos amar a nós próprios, a nós mesmos, não podemos amar outra pessoa¹³⁷. E se

¹³³ Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 152.

¹³⁴ *Ibidem*, 151.

¹³⁵ Cfr. *Ibidem*, 153.

¹³⁶ *Ibidem*, 77.

¹³⁷ Cfr. *Ibidem*, p. 155.

realmente amamos outra pessoa, não faremos nada que julguemos que poderia ou iria magoá-la. Se existir qualquer questão ou dúvida, o melhor a fazer é esperar até obtermos esclarecimento sobre o assunto¹³⁸.

«A tua primeira relação deve ser contigo mesmo. Deves primeiro aprender a respeitar, estimar e amar o teu Eu.

Deves primeiro considerar-te digno para poderes considerar digna outra pessoa. Deves primeiro considerar-te abençoado para poderes considerar abençoada outra pessoa. Deves primeiro considerar-te sagrado para poderes descobrir a sacralidade existente noutra pessoa»¹³⁹.

Nada é mais natural que o amor. O amor gera tolerância, a tolerância gera a paz.

«A maneira mais rápida de chegar a um lugar de amor e preocupação com toda a Humanidade é ver toda a Humanidade como vossa família.

A maneira mais rápida de verem toda a Humanidade como vossa família é deixarem de se separar. Cada uma das nações estado que agora constitui o vosso mundo tem que se unir»¹⁴⁰.

Se agirmos com amor, agiremos naturalmente, se for com medo, com ressentimento, podemos até estar a agir normalmente, mas nunca estaremos a agir naturalmente¹⁴¹.

«Alguns de vocês são criaturas extremamente evoluídas, com uma noção muito sólida de si mesmas. Sabem o que querem vir a ser»¹⁴². Queremos ser bondade, misericórdia, piedade e compreensão.

¹³⁸ Cfr. N. D., WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 133.

¹³⁹ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 157.

¹⁴⁰ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 187.

¹⁴¹ Cfr. *Ibidem*, 44.

¹⁴² N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 190.

«És paz, alegria e luz. És perdão, paciência, força e coragem, estás pronto a ajudar em tempo de necessidade, a consolar em tempo de mágoa, a curar em tempo de chagas, a ensinar em tempo de tumulto. És a sabedoria mais profunda e a verdade mais sublime; a paz mais suprema e o amor mais grandioso»¹⁴³.

Nem todos sabemos que somos isso tudo. Por isso esquecemos que devemos ser amor como Deus é amor. Por outro lado, tratar os outros com amor não significa necessariamente permitir-lhes que façam tudo o que querem.

Para tocar no núcleo da questão do mandamento do amor vejamos as semelhanças e as diferenças entre os *dez cumprimentos* dados por Deus ao Donald Walsch e os dez mandamentos da lei de Deus originados no decálogo e propostos pelo o Catecismo da Igreja Católica¹⁴⁴.

Primeiro cumprimento:

«Amarás Deus com todo o teu coração, toda a tua mente, toda a tua alma. E não haverá nenhum outro deus colocado à minha frente. Não mais venerarás o amor humano, o êxito, o dinheiro, ou o poder, nem nenhum outro símbolo que venha a existir. Porás de lado essas coisas tal como uma criança põe de lado os brinquedos. Não porque sejam indignas mas porque já te desinteressaste delas»¹⁴⁵.

Primeiro mandamento:

«Adorar a Deus e amá-Lo sobre todas as coisas»¹⁴⁶.

A única semelhança apresentada aqui é que ambos falam do amor incondicional a Deus (com tudo o que tens e com tudo o que és).

¹⁴³ Ibidem, 112.

¹⁴⁴ Vamos optar aqui pela fórmula Catequético por ser mais breve.

¹⁴⁵ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 123.

¹⁴⁶ Catecismo da Igreja Católica, 507.

As diferenças são duas: a primeira diferença é que o cristianismo, ao contrário da Nova Era, não nos pede para não venerarmos o amor humano, mas sim, para atribuir importância ao amor de Deus, que em consequência será um amor ao Homem; e a segunda diferença é que o Cristianismo não encara o amor humano, o êxito, dinheiro e o poder como algo absolutamente à margem da nossa vida, mas como «bens» a utilizar ou «dons» para o bem dos outros, ajudando/auxiliando. O êxito, dinheiro, poder são apenas encarados como indignos, quando servem apenas para o bem individual, e quando tudo isto é alcançado através do egoísmo, da inveja e da deslealdade.

Segundo cumprimento:

«Não usarás o nome de Deus em vão. Nem Me invocarás por coisas frívolas. Entenderás o poder das palavras e dos pensamentos e nem pensarás em invocar o nome de Deus de uma forma profana. Não usarás do Meu nome em vão porque não podes. Pois o Meu nome – o grande «Eu sou» – nunca é usado em vão (isto é, sem consequência), nem jamais poderá sê-lo. E quando encontrares Deus saberás isso»¹⁴⁷.

Segundo mandamento:

«Não invocar o santo nome de Deus em vão»¹⁴⁸.

Podemos realçar aqui duas semelhanças: o cuidado na utilização no nome de Deus, nas situações de vida; e a importância da invocação do nome de Deus apenas em momentos dignos, e que esta pronúncia seja íntegra e nunca utilizada apenas como «mais um nome».

Quanto às diferenças também são duas: a primeira é que o cristianismo diz-nos para não usarmos o nome de Deus em vão, não porque não podemos, mas porque não devemos e Donald Walsch afirma que não se pode usar o nome de Deus em vão. É uma proibição. No

¹⁴⁷ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 123.

¹⁴⁸ Catecismo da Igreja Católica, 507.

Cristianismo este «não invocar o nome de Deus em vão» não é uma indicação de proibição, mas sim uma consciência para a verdadeira dimensão e importância do nome de Deus; e a segunda diferença é que NealDonald fala da consciência do verdadeiro nome de Deus, quando há o encontro com Ele. No Cristianismo, o encontro já se deu, e só depois é possível seguir os mandamentos.

Terceiro *comprimento*:

«Lembrar-te-ás de guardar um dia para Mim, e chamar-lhe-ás santo. Isso para que não permaneças muito tempo na tua ilusão, mas te leve a recordar quem e o que tu és. E depois em breve chamarás Sabbath a todos os dias, e santos a todos os momentos»¹⁴⁹.

Terceiro mandamento:

«Santificar os Domingos e festas de guarda»¹⁵⁰.

A semelhança está na importância de atribuir um dia ao Senhor.

E a diferença é que Donald Walsch diz que após a tomada de consciência, todos os dias serão do Senhor enquanto que, no Cristianismo, e apesar de existir a consciência de que todos os dias serão do Senhor, é atribuída uma relevância simbólica a um, de forma a criar nos Homens a consciência da importância de pararem para estarem com Ele, de forma mais afincada e autêntica. Para Donald Walsch há os «Dias do Senhor», para o Cristianismo há o «Dia do Senhor». Ou seja, no Cristianismo não há a «banalização» do Dia do Senhor.

Quarto *comprimento*:

¹⁴⁹ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 124.

¹⁵⁰ Catecismo da Igreja Católica, 507.

«Honrarás a tua mãe e o teu pai – e saberás que és o Filho de Deus quando honrares o teu Deus Pai/Mãe em todas as coisas que disseres, fizeres ou pensares. E ao honrares o Deus Pai/Mãe, e o teu pai e a tua mãe na terra (pois eles deram-te a vida), honrarás igualmente todas as pessoas»¹⁵¹.

Quarto mandamento:

«Honrar pai e mãe (e os outros legítimos superiores)»¹⁵².

As semelhanças: a importância de honrar pai e mãe; a ligação que existe entre a relação com os pais e a relação com a sociedade; e a atribuição de importância à relação com os pais, que gera consequentemente a relação com Deus.

A única e grande diferença é que Donald Walsch diz-nos que só após honrar pai e mãe, é que se sabe que se é verdadeiro filho de Deus e no cristianismo é-nos dito que a família já é um plano de Deus, que em muito está associada ao Reino.

Quinto *comprimento*:

«Sabes que encontraste Deus quando perceberes que não matarás (ou seja, que não matarás voluntariamente, sem razão). Pois ao entenderes que não podes acabar com outra vida numa dada situação (toda a vida é eterna), não decidirás pôr termo a uma determinada encarnação, nem mudar nenhuma energia vital de uma forma para outra sem a mais sagrada justificação. O teu novo respeito pela vida fará com que honres todas as formas de vida – incluindo plantas, árvores e animais – e que as destruas apenas quando for pelo bem mais sublime»¹⁵³.

Quinto mandamento:

¹⁵¹ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 124.

¹⁵² Catecismo da Igreja Católica, 508.

¹⁵³ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 124.

«Não matar (nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo)»¹⁵⁴.

O Respeito pela vida humana (mesmo que parcial) é a semelhança existente entre os dois.

As diferenças são as seguintes: para Donald Walsch só encontramos Deus depois de percebermos que não podemos matar injustificadamente. No cristianismo o encontro com Deus não se traduz no «não podemos matar» mas sim no amor que Ele nutre por cada um de nós. Ao mesmo tempo, Donald Walsch afirma o respeito da vida humana, apenas quando não há justificação para a destruir. O Cristianismo defende, em qualquer situação, que a vida humana deve ser respeitada. Defende a paz. No entanto, Donald Walsch defende apenas a paz quando esta não permanece, porque havendo um motivo para a destruir, e se este motivo, segundo ele for justificável, não é incorreto destruí-la; Donald atribui a dignidade também às plantas, árvores e animais. Apesar do cristianismo também defender a natureza, não se lhe aplica este mandamento e não valoriza tanto os outros seres vivos que são vistos como diferente dos Homens.

Sexto cumprimento:

«Não profanarás a pureza do amor com deslealdade e enganos pois será um ato adúltero. Prometo-te que, depois de encontrares Deus, *não cometerás esse adultério*»¹⁵⁵.

Sexto mandamento:

«Guardar castidade nas palavras e nas obras»¹⁵⁶

¹⁵⁴ Catecismo da Igreja Católica, 508.

¹⁵⁵ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 124.

¹⁵⁶ Catecismo da Igreja Católica, 508.

As semelhanças entre os dois consistem na importância do amor; e no respeito pela lealdade.

A diferença é que Donald Walsch é mais abrangente, invocando qualquer tipo de amor, enquanto que o cristianismo invoca o amor digno no Sacramento do Matrimónio (a castidade é para todas as situações).

Sétimo cumprimento:

«Não tomarás uma coisa que não te pertença, nem enganarás, serás conivente, ou prejudicarás outrem para obteres algo, pois isso seria roubar. Prometo-te que depois de encontrares Deus, *não roubarás*»¹⁵⁷.

Sétimo mandamento:

«Não furtar (nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo)»¹⁵⁸.

A importância da lealdade, de não roubar, é a semelhança.

A diferença é que Donald Walsch é mais abrangente falando em não roubar ou obter deslealmente bens de outrem. Para além de focar a importância de não roubar, o Cristianismo é mais minucioso e atribuiu importância às pessoas, à Doutrina Social da Igreja, à justiça e principalmente ao amor pelos pobres. Facto que não é enumerado por Donald Walsch.

Oitavo cumprimento:

«Nem afirmarás uma coisa que não é verdade, levantando assim um falso testemunho»¹⁵⁹.

Oitavo mandamento:

¹⁵⁷ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 124.

¹⁵⁸ Catecismo da Igreja Católica, 508.

¹⁵⁹ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 124.

«Não levantar falsos testemunhos (nem de qualquer outro modo faltar a verdade ou difamar o próximo)»¹⁶⁰.

A semelhança é que ambos falam da importância da verdade.

A diferença é que Donald Walsch se restringe ao «falso testemunho». O Cristianismo evoca o viver na verdade, dando enfoque ao testemunho e ao respeito. O Cristianismo coloca o «outro» também como membro do processo de verdade. Todavia Donald Walsch apenas dá enfoque ao sujeito que diz ou não a verdade, não comentando o que a «verdade» ou a «falta de verdade» pode gerar no outro.

Nono *comprimento*:

«Nem cobiçarás a mulher do próximo, pois para que hás-de querer a mulher do próximo quando sabes que tens por esposa todas as outras?»¹⁶¹

Nono mandamento:

«Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos»¹⁶².

A diferença é que o cristianismo atribuiu particular importância ao termo «pureza», e no entender de Donald Walsch esta pureza é encarada de outra forma, apesar de não falar neste termo. Para ele, ninguém deve cobiçar a mulher do outro, pois todos possuem todas as mulheres, daí a não necessidade de cobiçar, dado que são possuidores.

Décimo *comprimento*:

¹⁶⁰ Catecismo da Igreja Católica, 508.

¹⁶¹ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1,125.

¹⁶² Catecismo da Igreja Católica, 508.

«Cobiçarás os bens do próximo, pois para que hás-de querer os bens do próximo quando sabes que todos os bens podem ser teus e que todos os bens pertencem ao mundo?»¹⁶³ .

Décimo mandamento:

«Não cobiçar as coisas alheias»¹⁶⁴ .

A diferença é que O Cristianismo defende a pobreza de coração e espírito, dizendo ao Homem que não é correto desejar o que é do outro, criando cobiças, dando apenas importância aos desejos do espírito, que sustentam toda a vida; e Donald Walsch diz que não se deve cobiçar os bens dos outros, pois os bens não são dos outros mas de todo o mundo. Aqui não há um respeito pela individualidade, há a consciência de possuir tudo quanto se deseja.

Uma das outras características a realçar é a liberdade, articulada como livre arbítrio. A liberdade é uma das características do cristianismo. Todo o cristão é livre para escolher o caminho e as opções que achar que deve tomar, mas só será verdadeiramente livre quando optar por seguir o caminho do bem: se optar por ser co-criador com Deus seu Pai.

O Catecismo da Igreja Católica diz-nos que Deus criou o Homem racional, conferindo-lhe a dignidade de pessoa, dotada de iniciativa e de domínio dos seus próprios actos¹⁶⁵ . E acrescenta que a liberdade é o poder, radicado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, praticando assim, por si mesmo, acções deliberadas. Pelo livre arbítrio, cada qual dispõe de si. A liberdade é, no homem, uma força de crescimento e de maturação na verdade e na bondade. E atinge a sua perfeição quando está ordenada para Deus, nossa bem-aventurança¹⁶⁶ .

¹⁶³ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 125.

¹⁶⁴ Catecismo da Igreja Católica, 508.

¹⁶⁵ Cfr. Catecismo da Igreja Católica nº 1730.

¹⁶⁶ Cfr. *Ibidem*, 1731.

Segundo K. Rahner a liberdade é antes de tudo o estar entregue do sujeito a si próprio, de tal sorte que a liberdade em seu ser fundamental tem a ver com o sujeito como tal e como todo. Na liberdade genuína o ser humano faz-se a si mesmo. A liberdade é a capacidade do sujeito uno decidir sobre o si próprio como um todo. A liberdade é a faculdade de um sujeito que por essa liberdade, deve atingir a sua identidade final e irrevogável. É a faculdade do eterno (liberdade transcendental, que estabelece o definitivo). É de certa forma a faculdade de estabelecer algo necessário, algo que perdura, algo de final e definitivo. Enfim, a liberdade é o evento do eterno, evento a que, é claro, não assistimos como espectadores externos, pois somos nós próprios que estamos a acontecer na liberdade, sofrendo a multiplicidade do temporal, realizamos este evento da liberdade, constituímos a eternidade que nós próprios somos e nos tornamos. Existe liberdade objetiva e subjetiva.

O ser humano é livre para dizer «sim» ou «não» a Deus. A possibilidade de um «não» a Deus faz com que o ser humano, na sua subjectividade, se compreenda como sendo mau, vendo este mal como o que ele quer definitivamente ser. Contudo, no ato moralmente bom o ser humano identifica-se muito mais como sendo livre.

Um cristão é livre para optar entre o bem e o mal. Mas, como nos diz Rahner, ele só será realmente livre quando optar por fazer o bem. Aí ele revela-se como homem livre e não escravo¹⁶⁷.

Mas sabemos que a liberdade do homem é finita e falível. E, de facto, o homem falhou. Livrementemente, pecou. Rejeitando o projecto divino de amor, enganou-se a si mesmo; tornou-se escravo do pecado. Esta primeira alienação gerou uma multidão de outras. A história da humanidade, desde as suas origens, dá testemunho de desgraças e opressões nascidas do coração do homem, como consequência de um mau uso da liberdade¹⁶⁸.

¹⁶⁷ Cfr. K. RAHNER, *Curso fundamental da fé. Introdução ao conceito de cristianismo*, 114-144.

¹⁶⁸ Catecismo da Igreja Católica n° 1739

Donald Walsch, ao falar da Liberdade diz-nos que estamos sempre num lugar de livre arbítrio e escolha total.

«O seres capaz de ver o "futuro" (ou outros que o possam fazer por ti) deveria potenciar a tua capacidade de viveres a vida que queres, não de limitar (...)

Se "vires um acontecimento ou experiência futuros que não te agradam, não escolhas! Escolhe outra vez! Selecciona outro!

Muda ou altera o teu comportamento de forma a evitares o *desfecho indesejável*»¹⁶⁹.

O Deus Cristão é um Deus que faz caminho connosco; que não nos abandona e que está presente no meio de nós.

Assim como caminhou com os homens a caminho de Emaús¹⁷⁰, Jesus caminha hoje connosco. Ele não nos deixou sós. Ele prometeu estar connosco todos os dias, até ao fim do mundo¹⁷¹.

Deus está connosco e de uma forma especial quando reunimos para celebrar a Ceia do Senhor. Jesus pediu que celebrássemos a Eucaristia em memória Dele, «Fazei isto em memória de mim» (Lc 22, 19b). Quando comungarmos o Seu corpo e bebermos do Seu sangue permaneceremos Nele e Ele em nós. Tornamo-nos um com Ele.

Donald Walsch também nos diz que estamos unidos a Deus. Ele afirma que é um erro pensar que Deus está separado de nós. E que também é um erro pensar que estamos separados uns dos outros. Segundo ele a maneira mais rápida de encontrar Deus é encontrarmo-nos uns aos outros. Deixarmos de nos esconder uns dos outros. E evidentemente, deixarmos de nos esconder de nós próprios¹⁷².

¹⁶⁹ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 96.

¹⁷⁰ Cfr. Lc 24, 13-43

¹⁷¹ Cfr. Mt 28, 20.

¹⁷² Cfr. N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 26.

Nestas conversas com Deus a ideia de Deus como Pai é uma constante. Por isso, ao terminar o estudo deste capítulo podemos dizer que esta obra «Conversas com Deus» tem muito a ver com o cristianismo. Mas, há que sublinhar, nem tudo o que é dito é cristão, por isso identifica-se esta obra como sendo uma das obras da *Nova Era*. Daí termos abordado nos capítulos anteriores o sincretismo e o espiritualismo para que fique mais claro porque é uma obra da *Nova Era*. Um cristão deve conhecer a Verdade, ir à procura dela, mas não se deixar enganar pelas doutrinas de estilo gnosticistas que também são «pregadas» pela *Nova Era*.

Conclusão

Em conclusão, poderíamos dizer que a Nova Era é mais um clima ou sensibilidade espiritual do que um movimento espiritual estruturado. Ela exprime uma atitude ou um desejo unitário, harmónico, de conjugar o pessoal e privado com o ecológico e cósmico, o livre e sem entraves com a experiência profunda e natural do divino no íntimo de tudo. Vários analistas mostraram o optimismo desta espiritualidade ou mística laica que acredita esbarrar com o divino em todos os processos evolutivos¹⁷³.

Depois de nos confrontarmos com as ideias defendidas na obra «Conversas com Deus», chegamos à conclusão que estamos perante literatura da Nova Era, pois ela espelha uma espiritualidade optimista que, segundo o autor, é fruto de uma conversa com Deus. «Directamente, pessoalmente. Irrefutavelmente»¹⁷⁴.

Neste sentido, verificamos que o livro 1, segundo o autor, é o abraço de Deus. É um livro que aborda temas pessoais, concentrando-se nos desfechos e oportunidades da vida do indivíduo¹⁷⁵; o livro 2, por seu lado, «é um abanar mais dedicado, mas igualmente afectuoso, desses ombros por Deus. Um despertar. Um desafio a deslocarmo-nos para o nível seguinte»¹⁷⁶. É o livro que nos apresenta temas mais globais de geopolítica e vida metafísica no planeta, bem como os desafios que o mundo agora enfrenta. Segundo Donald Walsch, Deus informou-o que o livro 2 deveria abordar algumas das questões mais importantes com que se defronta o planeta. Pois, não há questão mais importante do que a educação da nossa progénie¹⁷⁷. A educação relaciona-se intrinsecamente com a sabedoria, que é o conhecimento aplicado¹⁷⁸; já o livro 3 debate as verdades universais, de carácter mais sublime e os desafios e

¹⁷³ J. M. MARDONES, *Para compreender as Novas Formas da Religião*, 123.

¹⁷⁴ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 1, 13.

¹⁷⁵ Cfr. *Ibidem*, 13

¹⁷⁶ N. D. WALSCH, *Conversas com Deus*, livro 2, 18.

¹⁷⁷ *Ibidem*, 148.

¹⁷⁸ *Ibidem*, 150.

oportunidades da alma. Os três volumes têm como objetivo libertar o ser humano do medo e do pecado, propondo-lhe uma vida de amor e felicidade. Para isso, a obra diz-nos que: a auto-cura é uma compreensão de si mesmo mais andrógina; devemos procurar uma existência plena e sã para sermos seres perfeitos; o Cristo Cósmico pode repetir-se em muitas pessoas; deve haver uma ética global; deve-se criar uma nova espiritualidade; devemos ter acesso as palavras de Deus por palavras humanas; Não há uma distinção entre o bem e o mal porque todas as ações são fruto tanto da iluminação como da ignorância, por isso não devemos condenar ninguém e ninguém precisa de perdão; o amor é a resposta à negatividade; as pessoas são mestres iluminadas; não devemos morrer; reencarnação é uma forma de participação na evolução cósmica; os Médium são entidades paranormais; tudo é Deus e o universo é um oceano de energia («espírito»).

O documento «Jesus Cristo, Portador da Água Viva», ciente dos riscos que os cristãos correm, perante o convite aliciante da *Nova Era*, que procura satisfazer as aspirações das pessoas e assim passar a ser a «nova ordem mundial», exorta-nos a permanecer fiéis à Boa Nova, da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. Pois, só Jesus Cristo é portador de água viva, e é Ele quem pode saciar verdadeiramente a nossa sede de felicidade.

Pelos temas tratados, ficou explícito que há uma mistura de ideias e doutrinas com finalidade de afirmar que tudo é bom. Isso porque, como nos é dito o divino está em toda a realidade, e todas as nossas ações e opções são para fazer com que lembremos quem somos e assim cheguemos à perfeição. Depois de levantarmos os principais elementos presentes nas «Conversas com Deus», podemos dizer que existem sinais de sincretismo e monismo na obra de Donald Walsch em estudo. Foi isso mesmo que abordamos no segundo capítulo desta investigação.

A Nova Era convida-nos a, partindo de nós próprios, chegarmos à salvação. O autor em estudo, diz-nos que Deus quer que escutemos a nossa alma, pois, é ela quem nos pode

levar a Ele. Segundo Donald Walsch, a nossa alma quer conhecer-nos e fazer-nos perceber que nós e o Pai somos um. Por isso, temos que atribuir mais importância à alma, pois ela é muito mais importante do que a mente e o corpo.

Ao enumerar as características do cristianismo nas «Conversas com Deus», falamos sobre o amor, a liberdade, os mandamentos, fazendo, assim, a comparação com os cumprimentos que o Donald Walsch nos apresenta. Tendo por base isto, podemos concluir que a mensagem das «Conversas com Deus» pode ser entendida, até certo ponto, como uma mensagem cristã. Mas, mesmo que os vestígios da Nova Era estejam dispersos, é preciso atribuir atenção a alguns pormenores. Os cristãos devem estar atentos aos sinais dos tempos e aos convites e ensinamentos que lhes são apresentados. Por apresentar uma mistura de ideias, algumas nada cristãs, com o objetivo de libertar o Homem, fazendo-o voltar para si próprio e encontrar nele a salvação, é que colocamos esta literatura em estudo. Sabemos que a salvação é uma graça que cabe a Deus conceder. Ela implica as nossas opções livres, mas nunca pode ser seu produto.

Com este estudo, creio que ficou claro que as literaturas da Nova Era procuram dar uma resposta ao mal-estar, sentido pela humanidade actual, fazendo promessas e propostas que pretendem garantir a felicidade. Para que o ser humano seja feliz, segundo as «Conversas com Deus», ele precisa saber que:

- Não há outro tempo senão este; não há outro momento senão este momento;
- O tempo não é um aspeto da relatividade que existe num paradigma de «altos e baixos», com «momentos» ou «acontecimentos» empilhados uns sobre os outros, acontecendo ou ocorrendo ao mesmo «tempo»;
- Estamos constantemente a viajar entre realidades nesse reino do tempo – tempo nenhum – todo tempo, normalmente durante o sono. O *déjà vu* é uma das formas que nos faz ter consciência disso;

- Nunca houve um tempo em que «não» éramos – nem nunca haverá;
- O conceito de «idade» em relação às almas tem a ver na realidade com níveis de consciência, não com a extensão de «tempo»;
- O mal não existe;
- Somos perfeitos, tal como somos;
- «Errado» é uma conceptualização da mente, baseada na experiência relativa;
- Vamos estabelecendo as regras à medida que avançamos, mudando-as para se adequarem à nossa realidade presente, e isso está perfeitamente certo.
- Tudo o que acontece é a vontade de Deus, tudo...
- Não há «castigos» depois da morte, e todas as consequências existem apenas na experiência relativa, não no reino absoluto.
- As teologias humanas são a insana tentativa da Humanidade de explicar um Deus insano que não existe.
- A única forma de as teologias humanas fazerem sentido é se aceitarmos um Deus que não faz sentido nenhum.

A felicidade está na não culpabilização. Devemos fazer o que temos de fazer para lembrar quem realmente somos e aí sim sermos felizes, porque alcançaremos a perfeição, sendo perfeito como o nosso «Pai» é perfeito. Os mandamentos da Nova Era¹⁷⁹ procuram acabar com a culpa, com a tristeza, com as religiões tradicionais, etc.

A Igreja Católica não é indiferente a este fenómeno da Nova Era. A sua pastoral deve estar atenta aos sinais dos tempos e testemunhar a todos que Jesus Cristo é a única salvação.

¹⁷⁹ Os mandamentos da nova era são: 1- Esperarás com impaciência pela Era de Aquário; 2- Acreditarás firmemente na grande mutação; 3- Despertarás atentamente o teu nível de consciência; 4- Ocupar-te-ás ativamente do teu corpo, uma vez que ele é uma parte do todo cósmico; 5- Seguirás os gurus com respeito; 6- Acreditarás firmemente no irracional; 7- Venerarás religiosamente a deusa Gaia; 8- Rejeitarás severamente as religiões tradicionais; 9- Falarás com os espíritos com toda a naturalidade; 10- Rir-te-às da morte, serenamente. CFR. J. L. VÁZQUEZ BORAU, *Os Novos Movimentos Religiosos*, 29.

Para sermos felizes, devemos amar como Jesus nos amou. A nossa missão é o amor. Quem ama não teme. Quem ama dá a vida. Pois o amor gera vida.

Bibliografia

FONTES:

CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA, CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, *Jesus Cristo, Portador da Água Viva – Uma reflexão cristã sobre a «Nova Era»*, Paulinas, Lisboa, 2003.

WALSCH, NealeDonald, *Conversas com Deus*, livro 1, 18ª edição, Sinais de Fogo, Lisboa, 2010.

WALSCH, NealeDonald, *Conversas com Deus*, livro 2, 5ª edição, Sinais de Fogo, Lisboa, 2002.

WALSCH, NealeDonald, *Conversas com Deus*, livro 3, 7ª edição, Sinais de Fogo, Lisboa, 2006.

OUTROS ESTUDOS:

ALBRILE, Ezio, «La gnosi e la trasmutazione del tempo, appunti sul sincretismo iranico-mesopotamico», in *Teresianum*, Tomo 125 (2000), 481-506.

Catecismo da Igreja Católica, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999.

CORDERO, Maximiliano Garcia, «Interpretaciones “gnósticas” de la persona y mensaje de Jesús», in *Ciencia Tomista*, 89 (1998), 421-566.

DE ROSA, Guiseppe, «Che cos'è lo gnosticismo?» In *La Civiltà Cattolica*, 158 (2007), 3763-3768.

DÍAZ, Carlos, «Gnose e fragmento no multiverso para-religioso», in *Communio*, 14 (1997) 485-492.

- FERNANDES, José Manuel Correia, «Gnose e gnosticismo: Definição, Fontes, Escolas e Essência», in *Cadernos ISTA*, 5 (2000), 17-41.
- GÓMEZ, Manuel Guerra, «Gnosticismo», in *Diccionario Enciclopédico de las Sectas*, BAC, Madrid, 2005.
- GÓMEZ, Manuel Guerra, «La gnosis y sus rebrotes en nuestros días», in *Burgense*, 47/1 (2006), 171-130 .
- GRANT, Robert M., *La Gnose et les origines chrétiennes*, Éditions du Seuil, Paris, 1964.
- JOÃO PAULO II, *Dominum et vivificantem*, , Editora AO, Braga 1987.
- JONAS, Hans, *La religión gnóstica*, Ediciones Siruela, Madrid, 2003.
- MARDONES, José María, *Para compreender as Novas Formas da Religião*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1996.
- NEVES, J. C., *As Novas Seitas e a Bíblia*, Editora Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 1998.
- POUPARD, P., “Intervenção do cardeal Paul Poupard, Presidente do Pontifício Conselho para a Cultura, na apresentação de um documento sobre a «New Age»”, in *L’Osservatore Romano*, Edição portuguesa (1 de Março de 2003), 11-12.
- SAVATER, Fernando, *As perguntas da vida*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1999.
- SILVA, Carlos H. do C., «Gnose Bendita, Realização espiritual e suas contrafaçções recentes», in *Didaskalia*, (2001) 89-123.
- SOTO-HAY, Fernando, «Textos sobre los ritos de inicición em algunos escritos gnósticos», in *Anámnesis*, 13 (2003), 528.

RAHNER, K., *Curso fundamental da fé. Introdução ao conceito de cristianismo*, Paulus, S. Paulo, 2008.

VÁZQUEZ BORAU, José Luis, *O Novos Movimentos Religiosos – Nova Era, Ocultismo e Satanismo*, Paulus Editora, 2008.

Índice

Introdução	5
1 - Traços essenciais da <i>Nova Era</i> à luz do Documento «Jesus Cristo, portador da Água Viva»	8
2 - Elementos de sincretismo e monismo na obra «Conversas com Deus».....	18
3 - O Espiritualismo nas ideias de Neal Donald.....	33
4- As características do Cristianismo nas «Conversas com Deus»	44
Conclusão	60
Bibliografia.....	65
Índice.....	68

